

SOÉLI DE MORAES

CONHECIMENTO E AUTONOMIA – A PRÁTICA DAS FEIRAS LIVRES

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Serinei César Grigolo

CURITIBA

2008

A agricultura camponesa não é adepta do produtivismo, ou seja, produzir uma única cultura e com exclusividade para o mercado e nem se utiliza predominantemente de insumos externos. Seu potencial de produção de alimento está na diversidade, no uso múltiplo dos recursos naturais. Nas regiões onde há concentração de pequenos agricultores, a desigualdade é menor e, por conseguinte os índices de desenvolvimento estão entre os maiores. (Caderno nº. 5, Por uma Educação do Campo)

Às minhas filhas Evelyn e Emellyn, aos meus familiares e a todas as pessoas que acreditam e lutam por uma educação humanizadora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças nas horas de angústia e me mostrado os caminhos a seguir...

Às minhas filhas Evelyn Cris e Emellyn Kaunna, por suas silenciosas paciências durante as muitas ausências em função do meu crescimento pessoal e profissional; acima de tudo, pelo eterno amor que compartilhamos no dia-a-dia.

Ao meu querido papai Antônio Moraes (*in memoriam*), de quem muito me orgulho, pelo seu exemplo de vida deixado, meu eterno agradecimento.

À minha família, minha mãe Letícia e irmãos, pela compreensão, ajuda e cooperação com relação à minha ausência.

Ao Vanderlei, pelo companheirismo e esforço para que eu possa alcançar meus objetivos.

À Edimara, pela interação e dedicação ao conhecimento contínuo dividido entre nós.

À minha amiga Poliana, junto a Gerson, que buscaram ferramentas e observações para que se ampliassem os conhecimentos, assim compartilhando de minha angústia.

À Dudu, pela dedicação confraternal em seu envolvimento, assim demonstrando-se feliz com a ajuda que me cede.

À minha querida Tia Tere, que de uma forma envolvente ajudou-me, com sua dedicação à minha filha em momentos que faltei.

Aos meus dois amigos Vânia e Fogaça, que me incentivaram e influenciaram mostrando-me o caminho para desenvolvimento de meu conhecimento.

À Tia Sandra, que em meus momentos de insegurança, deu-me atenção e cooperou com o meu desenvolvimento.

À Tia Alzira, pelos cuidados compartilhados em sua companhia nos momentos pernitados na cidade de Beltrão.

Aos meus amigos, colegas de curso, que se encontram no mesmo patamar que eu, assim envolvendo-se inteiramente, compartilhando os mesmos momentos.

À minha querida Natacha, pelo seu grande coração que nos acolhe em seu aconchego, juntamente com Edson, demonstrando carinho.

À pequenina Dandara, que se gerou e cresceu compartilhando seu carisma, nos alegrando em momentos de pressão.

Ao orientador Serinei, que se pôs em inúmeros momentos a dividir seus conhecimentos, dando-me porte a continuar a luta pelo processo e reflexão na pesquisa proposta, minha gratidão.

A todos os educadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que compartilharam seus conhecimentos no curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, meu sincero agradecimento.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que carinhosamente compartilharam seus conhecimentos, suas angústias e alegrias, relatando como se deu o processo de construção da Feira Livre do Município de Cândói, e, assim, contribuindo com observações no desenvolvimento desta monografia.

RESUMO

As reflexões relatadas neste trabalho se dão no âmbito das lutas que refletem a Educação do Campo, no contexto dos camponeses participantes da produção para a Feira Livre no município de Cândói-PR. Encontramos no estudo das feiras concepções ligadas às intencionalidades exclusivamente de produção de lucro e viés para o individualismo. No contraponto desta concepção, afirma-se que a falta de organização coletiva enquanto concepção de feira impede a troca de conhecimento entre os sujeitos envolvidos no processo e a criação de alternativas de desenvolvimento, tão necessários para a conquista autonomia e de conhecimento pela prática das feiras livres. Buscando apresentar concepções e propostas que possam mostrar novos caminhos de espaços com diversificação, geração do conhecimento, autonomia dos sujeitos envolvidos no projeto, se mostrou o quão importante é socializar as experiências adquiridas pelos camponeses. Tendo em vista que o estudo da prática da feira livre revela as concepções de desenvolvimento adotadas, realizamos a pesquisa de campo a partir de entrevistas que buscavam construir uma narrativa deste processo. Com isto, fomos obtendo dados qualitativos que permitiram a teorização da prática da feira livre. Os relatos coletados foram de camponeses feirantes, funcionários públicos – técnicos e administrativos –, consumidores e representantes da organização sindical dos trabalhadores rurais. Portanto, as análises da realidade envolvendo a feira teve pontos considerados negativos e pontos positivos pelas partes envolvidas. A apropriação coletiva deste processo permitiria reconstruir a feira a partir de uma nova compreensão dos significados da feira – conhecimento e autonomia – que vão além dos aspectos da comercialização, bem como evitar cometer erros em novos projetos, como o caráter clientelista e fragmentado, muito presentes nas ações dos governos. A feira poderá ser um dos espaços de humanização dos sujeitos do campo e da cidade e ações precisam ser tomadas para que a sociedade se beneficie dessa alternativa saudável que são os alimentos para o consumo da sociedade.

Palavras-chave: Feira Livre, Camponês, Desenvolvimento do Campo, Educação do Campo.

RESUMEN

Las reflexiones relatadas en este trabajo, se da en el ámbito de las luchas que refleja la educación del campo, en el contexto de los campesinos participantes de la producción, para el mercado al aire libre en el municipio del Candói-Pr. Encontramos en los estudios de las ferias concepciones garradas a las internacionalidades de producciones lucrativas sin organización colectiva, enquanto concepción del feria así llegamos á la conclusion que és la falta de organizacion de las ferias, impieden la troca de conocimientos dentre las personas envolvidos no proceso e criacion de las alternativas del desenvolvimiento, necesarios a la conquista de la autonomia e del conocimiento en la pratica das feiras livres. Én búsqueda de presentar concepciones e propuestas que puedan enseñar nuevos caminos de espacios com diversificación, objetivando generación del conocimiento, autonomia de los sujetos envueltos em el proyecto, tornió importante que es socializar las experiências adquiridas por los campesinos teniendo em vista que o estudio de la pratica de la feria livre revela las concepciones del desenvolvimiento adotadas, realizamos la pesquisa del campo a partir de las entrevistas que buscan contruier una narración deste procieso. Con esto fomos obtiendo dados qualitativos que permitian a teorizacion da practica de la feria livre. Obtiendo dados qualitativos que permitiram la teorización de la practica en la feria livre. Los relatos coletados fueran de los camponeses feirantes, funcionários públicos – técnicos e administrativos – los consumidores y representantes de la organización sindical de los trabajadores rurais. Así, las analyses de la realidad envolviendo la fiera teve pontos considerados negativos y pontos positivos por las envolvidas en la misma. La apropiación colectiva deste proceso permitiria reconstruir la feria a partir de una nueva compreención de los significados de la feria – conocimiento y autonomia – que vão além de los aspectos de la comercialización, bien como evitar cometer errores en nuevos proyotos, como el caracter clientelista y fragmentado, mucho presentes en las acciones dos gavernios. La feria podrerá ser un dos espacios de la humanización de las personas del campo y de la ciudad y acciones precisan ser tomadas por la que sociedad se beneficien de la alternativa saudable que son alimentos por el consumo de la sociedad.

Palabras clave: feria livre, campones, desenvolvimiento del campo, educacion del campo.

SUMÁRIO

1 _ INTRODUÇÃO.....	10
2 _ O CONTEXTO DA FEIRA LIVRE.....	14
3 _ NARRATIVA DOS ASPECTOS E FATORES RELACIONADOS À PRÁTICA DA FEIRA NO MUNICÍPIO DE CANDÓI-PR.....	19
3.1 – A relação do trabalho esta interligada a percepção da feira livre.....	19
3.2 _ O planejamento familiar sobre a organização produtiva.....	24
3.3 _ Produção e comercialização.....	26
3.4 _ Algumas dificuldades enfrentadas pelos produtores no decorrer do processo	32
3.5 – A organização dos agricultores e a feira.....	46
4 _ A PERCEPÇÃO DO CONSUMIDOR.....	48
4.1 _ A organização dos horários e local proposto para a sociedade.....	51
5_ A PERCEPÇÃO DO GESTOR PÚBLICO.....	56
5.1_ O suporte técnico.....	60
5.2 _ Incentivos técnicos.....	64
6_A PERCEPÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM PROL DOS AGRICULTORES.....	67
7_ CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
8_ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
9_ REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	76
10_ ANEXOS.....	77
Anexo 1 - INSTRUMENTO GUIA DOS DIÁLOGOS.....	77
Anexo – 2 Esboço do Projeto da Feira Livre de 2001 e Lei.....	82
Anexo 3 – Folder do Plano de Governo de 2000.....	92

1 – INTRODUÇÃO

Durante o período de desenvolvimento deste projeto, recordei passagens da minha vida, de uma infância e adolescência no interior, como filha de agricultores. Esta trajetória ajuda a ter presente a angústia e as dificuldades, a falta de expectativa e de perda de identidade em nossas nas comunidades.

Faço parte de uma família oriunda do campesinato, que acredita que o campo é o mais adequado para ter boas condições de vida. Sendo a minha trajetória não diferente da maioria dos brasileiros camponeses, para continuar os estudos dependíamos de sair do meio rural e nos adaptar ao meio urbano. O estudo representava a busca de melhores oportunidades.

Iniciei o magistério e passei a atuar em uma Escola Rural, no interior do Município de Candói. Todos os alunos da instituição viviam no campo, oriundos de famílias natas da comunidade ou educandos do reassentamento da região, chamada Ilha do Cavernoso, atingida pela inundação da Usina Hidroelétrica de Itaipu.

Suas dificuldades eram evidentes, reflexos de um povo marginalizado e com expectativa de vida baixíssima, primeiro por ter perdido suas terras e depois por ficar esquecido pelo Estado. Perderam suas identidades como sujeitos sociais, tendo grande dificuldade de acesso à saúde, lazer e a cultura, e pouca prática organizacional. Seus objetivos de crescimentos intelectuais e sociais estavam debilitados.

Vale ressaltar que me angustiava a inúmera dificuldade de aprendizagem demonstrada pelos alunos. A alimentação trazida de casa era precária e o trajeto para a escola muito longo. Os alunos passavam horas sem alimentação e a dificuldade de acesso à escola aumentava ainda mais em tempos de chuva, sendo que, inúmeras vezes, os alunos chegavam à escola com fome, cansados e molhados. Mesmo com todas as dificuldades que encontravam, os alunos encantavam a comunidade com suas atitudes de participação.

Observando a nossa região, que é predominantemente rural, em função deste público escolar é que me despertou o interesse, a necessidade e o compromisso de buscar conhecimento e aperfeiçoamento estudando esta realidade na Especialização em Educação do Campo.

Precisamos mudar a realidade onde somente a cidade tem a capacidade de proporcionar educação, conhecimentos, práticas, cultura e qualidade de vida, enfim desenvolvimento.

Sabedores que somos que o campo é privilegiado com um espaço rico e diverso, ao mesmo tempo produtor de cultura, impõe-se a necessidade que cidade e o campo construam uma nova relação, de forma que as duas estejam integradas nas formas de poder, de gestão das políticas de produção econômica e de conhecimento.

Os conhecimentos populares contêm um conjunto de habilidades, valores e atitudes, no qual as classes sociais produzem e enfrentam cotidianamente seus problemas. Estes aprendizados são transmitidos aos descendentes pelas suas atividades produtivas e sociais, exercendo sua capacidade criativa e organizativa.

O camponês apropria-se desse saber em função das tarefas desempenhadas com os trabalhos rotineiros, como manejo da terra, produção de alimentos, insumos e instrumentos de trabalho, na obtenção de renda, na comercialização, e, principalmente, no diálogo que exerce com outras pessoas sobre este fazer.

Com a modernidade, com o modelo capitalista imposto, a Agricultura Familiar teve dificuldades de organizar seu meio de produção, bem como planejar a vida da família. Consequente à produção de alimentos dos camponeses baseada na diversidade cultural, é contraditória a produção de mercadorias com fins estritamente econômicos. Esse território, espaço de cultura e de reprodução da vida, está sendo substituído pelos valores do mercado capitalista.

Candói é um município com apenas 14 anos de emancipação política, localiza-se na região Centro Oeste do Estado do Paraná, mais precisamente no terceiro Planalto. Sua população, segundo o censo demográfico 2000, é de 14.168 habitantes, sendo que aproximadamente 9.000 residem em área rural, caracterizando assim um município essencialmente agrícola.

Desses aspectos é que se iniciam uma proposta de trabalho com concepções de Educação do Campo voltada para este público, visando aprendizados sobre a agricultura de subsistência, a diversificação, os valores culturais e seus horizontes.

Portanto, a escolha da feira livre como objeto de estudo justifica-se por se constituir uma alternativa de mudança desta realidade, principalmente porque reconstrói projetos de vida mais humanizadores, à medida que se efetiva uma relação diferenciada com o consumidor e com os mais diferentes segmentos da

sociedade. A feira livre, se assim entendida, passa a ser um espaço de aprendizagem e de reflexão sobre o trabalho e a vida das famílias agricultoras, espaço de geração de conhecimentos e de autonomia na agricultura familiar, portanto, mais que um espaço de comercialização.

Este estudo quer compreender qual é a percepção de campo e de desenvolvimento que estava presente na feira livre municipal em seus fatores e aspectos relacionados ao seu insucesso.

2 - O CONTEXTO DA FEIRA LIVRE

Inúmeras iniciativas de feiras livres têm sua principal motivação na comercialização direta ao consumidor. Há também entendimentos que este espaço teria outras dimensões a serem exploradas, como geração de conhecimentos e autonomia para a agricultura familiar. O estudo destas concepções pode apontar o porquê inúmeras feiras não têm continuidade.

Tratamos aqui de buscar e entender as dificuldades encontradas pelos feirantes e também pelos consumidores, na perspectiva de contribuir com propostas e sugestões que possam mostrar novos caminhos para reconstrução deste espaço público de comercialização, de geração de conhecimentos, bem como de proposição de políticas públicas, de autonomia e geração de rendas para as famílias envolvidas no projeto.

Com essa pesquisa, buscamos o entendimento e o conhecimento necessários para agir e organizar um espaço de ofertar alimentos saudáveis e de promoção de novas concepções de campo e de desenvolvimento.

Este texto é fruto do estudo dos fatores e aspectos responsáveis pelo insucesso da feira dos produtores rurais no município de Candói, Estado do Paraná, no ano de 2001, na perspectiva da Educação do Campo, logo pelo estudo da concepção de desenvolvimento que baliza tal iniciativa.

Como hipóteses ao fracasso das feiras, podem estar na raiz dos problemas a falta de uma política pública duradoura e a falta de estratégias que considerem os/as feirantes como sujeitos. Também a falta de organicidade por parte dos feirantes - decorrente da hipótese acima - e a não cumplicidade para enfrentarem os desafios que as circunstâncias apresentaram, como a divulgação e transporte, se somam, do outro lado, os consumidores impregnados de um hábito de consumo de produtos processados pelas grandes agroindústrias, como enlatados, embutidos, comidas pronto-rápidas e padronizadas, resistindo a um contato mais direto com os produtores e seus produtos, que carregam consigo uma diversidade cultural e de características diversas.

Neste mesmo processo, discute-se a participação e a responsabilidade das entidades envolvidas, bem como a percepção e o interesse dos consumidores sobre a feira.

Também abordamos a organicidade das feiras livres, tais como: trabalhos prévios a realização da feira, transporte, sazonalidade e cooperação e gestão da feira pelos agricultores.

Faz-se necessário pesquisar e aprofundar os fatores responsáveis pelo não funcionamento da feira de produtores rurais de Candói – Paraná, nos aspectos operacionais e também quanto à produção da autonomia, para que a partir desta pesquisa haja mais uma contribuição para a realização das próximas feiras, ajudando a refletir os caminhos percorridos pela agricultura familiar.

Para tanto, é preciso conhecer e estudar o projeto implantado, bem como o suporte oferecido por parte do governo municipal, considerando inclusive as dimensões culturais e hábitos dos produtores, a divulgação da feira e sua estratégia de continuidade, transporte e estrutura, bem como a organicidade da classe trabalhadora envolvida, tanto do campo como da cidade.

São inúmeras as tentativas de feiras, no entanto, muitas delas não tiveram continuidade por diversos fatores. Conhecer a concepção destas feiras é importante para repensar as feiras livres municipais em outra perspectiva, que venha ao encontro de um projeto popular de desenvolvimento, com geração de conhecimento e autonomia.

KUENZER (1992, p. 27) afirma que:

O saber não é produzido na escola, mas no interior das relações sociais em seu conjunto; é uma produção coletiva dos homens em sua atividade real, enquanto produzem as condições necessárias à sua existência através das relações que estabelecem com a natureza, com os homens e consigo mesmo (...)

Para o campo, as feiras livres seriam um elemento rico de relações e de práticas capazes de reposicionar as pessoas no seu contexto, logo, transformador.

Torna-se importante ressaltar que estudos desta natureza vêm a acrescentar conhecimentos e mostrar a importância da feira de produtores para a comunidade de forma geral e também para os produtores que conseguem negociar seus produtos e garantir uma renda extra para o sustento da família.

O município, de uma maneira geral, tende a ganhar, pois através de projetos como o da feira é possível melhorar a qualidade de vida de muitas pessoas, tanto dos fornecedores, quanto dos munícipes, que adquirem produtos naturais e de qualidade, sendo também importante destacar a valorização do pequeno produtor, bem como de seus produtos. Isto é fundamental para o crescimento e o

desenvolvimento da agricultura familiar à medida que gera benefícios para o município e também para o produtor.

Muitas feiras ainda funcionam bem do ponto de vista comercial, mas isso é expressão do pensamento único, ou seja, competição entre os feirantes. Fechadas para a entrada de novos feirantes, com especializações produtivas, e não há um espaço de debate, reflexão sobre o significado desta ação a não ser o econômico.

A feira é um lugar propício de inclusão. Quem está mais à margem da sociedade passa a atuar em um processo. Para tanto, a feira, é um espaço de encontro, de debate, de cultura, de reivindicação. É um lugar onde as pessoas se reúnem para suprir suas necessidades; logo, é solidária. Pressupõe o rompimento com o clientelismo e a dependência.

O importante, ao estudar os limites das feiras municipais, tendo por caso a feira do Município de Candói, é recriá-las com outra concepção, ou seja, como um espaço de estudo da realidade do campo.

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo de cunho exploratório, de campo e bibliográfico. A característica quantitativa se apresenta quando se pretende que a interpretação dos resultados surja com a totalidade de uma especulação, que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto.

Sabe-se que a maioria das pesquisas bibliográficas é também classificada quanto a seus objetos exploratórios. Essa pesquisa tem como objetivo proporcionar resultados qualitativos, objetivando-o teorizar a prática da feira livre.

Ludke e André (1986) dizem que:

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo do problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita a sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Esse conhecimento é, portanto fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência e da atividade investigada dos indivíduos, a partir e em construção do que já foi elaborado e sistematizado pelos que trabalharam o assunto anteriormente.

O estudo da feira, parte, portanto, do conhecimento dos feirantes e das pessoas envolvidas a partir dos depoimentos que delas serão coletados, o que despertará curiosidade, necessidade de aprofundamento e de estudo.

Realizamos também uma pesquisa bibliográfica delimitada ao eixo da pesquisa, que dialoga com os problemas encontrados e com as opiniões relatadas.

Após a pesquisa de campo, as pesquisas bibliográficas ocorreram de acordo com a natureza da pesquisa a campo, narrada, registrada e guiada por um instrumento semi-estruturado para a coleta de dados. A amostragem é significativa do conjunto das pessoas envolvidas na feira, de onde se apóiam as conclusões. A coleta de dados foi registrada de forma escrita e irão compor a base do estudo que se segue entremeada pelos conhecimentos históricos já produzidos

Uma das técnicas utilizadas para a coleta de dados foi a entrevista, que se caracteriza com o informante relatando de forma escrita ou verbal a um elenco de perguntas para favorecer o diálogo. Não sendo uma simples conversa, trata-se de uma técnica de suma importância para a coleta de dados não documentados, pois permite a captação imediata e corrente das informações desejadas. A organização da pesquisa se deu mediante a um prévio acordo com as partes envolvidas.

A área de abrangência e desenvolvimento do projeto foi o município de Candói, relatando de forma particular a Feira de produtores Rurais do ano de 2001.

Pesquisaram-se feirantes, funcionários da secretaria da agricultura e consumidores.

<i>População</i>	<i>Amostra</i>
03	Feirantes
03	Funcionário Municipal
03	Consumidores
01	Sindicato dos Trabalhadores Rurais

No intuito de coletar dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista com antigos feirantes, com os consumidores da época em que foram realizadas as feiras, com alguns funcionários do suporte técnico da Secretaria da Agricultura que permanecem até hoje em suas funções e levantamento dos arquivos existentes como: Projeto Esboço, criado pela gestão da época; Lei Complementar Nº. 4/75 Decreto Nº. 3641/77 das Feiras Livres; fotografias e o Plano de Governo. Também foi entrevistada uma pessoa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Candói, por se tratar de uma entidade organizativa dos agricultores familiares. Sendo assim, esses relatos e documentos contribuirão para as reflexões e aprofundamentos teóricos, buscando alcançar os objetivos deste estudo.

Foram utilizadas também pesquisas bibliográficas em livros e revistas referentes ao tema, bem como apostilas do curso de Especialização em Educação do Campo e também no acervo de arquivos da ASSESOAR, ofertadas pelo

orientador, que juntamente com as informações coletadas e conversas informais com pessoas da comunidade que vivenciaram o andamento da feira do ano 2001, dos produtores rurais de Candói, tornaram-se referências para o estudo.

A entrevista é o procedimento mais utilizado no desenvolvimento do trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito – objeto da pesquisa que orientem uma determinada realidade que está sendo localizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e ou coletiva. (CHIZZATTI, 1991, p.57)

3 - NARRATIVA DOS ASPECTOS E FATORES RELACIONADOS À PRÁTICA DA FEIRA NO MUNICÍPIO DE CANDÓI-PR

3.1 – As relações de trabalho estão interligadas à percepção da feira livre

Ao fazer o esforço de compreender o trabalho das famílias feirantes, buscamos dialogar principalmente com a teoria do trabalho de Marx, no que tange às relações e meios de produção, geração do valor... Nesta teoria, a riqueza está no trabalho do homem, interligada à natureza, que por sua vez fornece sua matéria, transformando em riqueza na projeção da lapidação das idéias e da capacidade do sujeito.

O trabalho, como reflexo da construção e criação de instrumentos antigos vindos de povos pré-históricos - instrumento de caça pesca e coletas - usadas como armas em busca da alimentação para a sobrevivência, proporcionava a emancipação.

Graças à capacidade do cérebro o indivíduo, juntamente com a sociedade, ele adquire as habilidades de aprender e executar situações complexas na diversificação do trabalho, passando a novas tentativas de atividades, incorporando-as então no cultivo:

Ao esgotar-se o excedente de terras livres, começou a decadência da propriedade comunal, propriedade esta que dos povos nômades, época esta em que o povo vivia da caça, pesca, coleta e cultura. Todas as formas mais elevadas de produção que vieram depois conduziram a divisão da população em classes diferentes e, portanto, no antagonismo entre as classes dominantes e as classes oprimidas. Em consequência aos interesses das classes dominantes, converteram-se no elemento propulsor da produção, enquanto esta não se limitava a manter bem ou mal a miséria da existência dos oprimidos. Isso encontra sua expressão mais acabada no modo de produção capitalista, que prevalece hoje na Europa ocidental. Os capitalistas individuais, que denominam a produção e a troca, só podem ocupar-se da utilidade mais imediata dos seus atos. Mais ainda: mesmo esta utilidade, porquanto se trata da utilidade da mercadoria produzida ou trocada inteiramente ao segundo plano, aparecendo como único incentivo o lucro obtido na venda. (ENGELS, 1961, p.281)

As famílias na Idade Média constituíam uma sociedade econômica na qual produzia seus alimentos, construíam suas casas, seus móveis, suas ferramentas, curtiam peles e preparavam lãs para confeccionar suas roupas. O camponês ia ao comércio para vender seus produtos excedentes da produção. O gado daria leite e

carne, na mata colhia seus frutos, a madeira para a construção da casa, com a riqueza destas fontes vivas existentes. Sem falar da tranquilidade, pois os camponeses possuem seu próprio alimento para o consumo da família, seu próprio trigo, bebem seu próprio vinho, vestem-se com sua própria lã e linho, tampouco se preocupam com os preços do mercado.

Com processo avançando tão rapidamente, o camponês foi se desagregando da natureza e aumentando a necessidade de dinheiro para consumir coisas supérfluas, mas também para coisas necessárias em maiores proporções. Sendo assim, ele não pode mais preparar/conservar a sua terra, fazer seu plantio, fazer sua manutenção sem dinheiro, e, juntamente com essa necessidade de dinheiro, transformou seu produto em mercadoria, levando-o ao mercado para a venda, caindo, desta forma, sobre a dependência do mercado. Esta percepção, perpassa no local da feira que estudamos.

Buscamos adentrar na realidade social, na qual se insere a Feira de Produtores Rurais de Candói. Dialogamos com alguns feirantes, sendo que eles fazem auto-reflexões e críticas ao processo.

Os tempos mudam, é certo. Mas de forma alguma o homem conseguiu se desligar do trabalho, pois através deste provê a sua existência. No município de Candói, buscando alternativas de trabalho, os agricultores começaram a entregar alimentos para a merenda escolar, o que os motivou a produzir "para" a feira.

Os fatos lembrados revelam problemas na organização da feira, como na fala recorrente dos feirantes, de produzir "para" a feira, indicando a baixa participação enquanto "sujeitos" da feira, agravada pela forma como cada um ia se tornando feirante, sem o entendimento do que isto significaria. Como se percebe, a feira foi impactando nas relações familiares, no trabalho, na forma de produção e comercialização.

Todavia, com essas mudanças, os produtores, sem processos participativos, tiveram dificuldades na organicidade das feiras-livres:

Na entrega para a merenda escolar, ficamos entregando apenas alguns meses, era como pedir esmolas, não faziam reuniões tínhamos que vir e esperar e nunca tínhamos certeza do que era para trazer... (feirante Antonio Osmar Mulhembruch – 07/12/2006)

A entrega para os supermercados era somente do que sobrava, pois o compromisso maior era com a merenda escolar, porém surgiu à oportunidade de participar da feira dos produtores rurais, convidados pela secretaria da agricultura e o prefeito municipal que vieram a nossa casa,

marcou uma reunião com um grupo de agricultores... (feirante Áudio Kavestzki- 28/11/2006)

O produtor pobre, que vende no mercado os excedentes de sua produtividade alimentar, depois de ter reservado uma parte da sua produção para o sustento da sua família. O que ganha com a venda dos excedentes são para comprar remédios, sal, às vezes roupas e mais uma ou outra coisa necessária á casa ou ao trabalho. (OLIVEIRA, 1997, p.117 apud MARTINS, 1981: 104)

Também as famílias já vendiam nas ruas, passando nas casas. Em alguns casos, antes de serem feirantes, entregavam seus produtos para terceiros comercializarem.

Antes da feira, uma senhora fazia a venda por nós e ficava com a margem de 50% de lucro das suas vendas e 50% repassava para nós. (feirante Antônio Osmar Mulhembruch – 07/12/2006)

Geralmente, estas famílias também entregavam produtos nos supermercados e restaurante.

As feiras também foram constituídas através de promessas políticas. Muitas com garantias de venda da produção, sendo este o maior argumento para o produtor entrar na feira. Isso gerou uma expectativa nas famílias que se preparam com produção em grande escala e depois se depararam com uma situação diferente do esperado, ocorrendo uma "frustração das expectativas", vendo sua produção sobrar e ser desperdiçada, sem consumidores suficientes para tal produção:

Então nos preparávamos com a produção em grande escala, mas ficava na promessa política e nossa produção acabava sobrando além do esperado... então acabávamos dando grande parte da produção para os animais. (feirante Antonio Osmar Mulhembruch – 07/12/2006)



Os filhos, desde pequenos, já acompanhando os pais na lavoura.

Quando estas atividades não correspondem às expectativas geradas, o que geralmente acontece é que se volta a priorizar aquilo que já se fazia na propriedade, como a produção de leite e grãos. De qualquer forma, estas famílias passam a se

constituir uma referência na produção de hortaliças e começam a ser convidadas para outros eventos.

Neste caso estudado, a motivação principal foi a possibilidade de produzir para a merenda escolar. Logo em seguida, veio o convite para estas pessoas participarem da feira municipal. A prática da feira, pelos relatos obtidos, foi uma idéia levada aos agricultores sem nenhuma discussão, coincidindo com a época eleitoral.

Nitidamente, a produção para a feira tem o envolvimento de toda a família. As decisões são mais compartilhadas, o que de certa forma garante o espaço para os sonhos dos jovens, mulheres, crianças, diferente do que ocorre na produção de grãos.

Trabalhávamos com intensidade, eu e minha esposa. Fazíamos os canteiros, o plantio, as mudas, a colheita, embalava, pesava e saía para a venda... nós trabalhávamos até quinze horas por dia sem parar, em função da produção, possuíamos estufas e canteiros ao ar livre. (feirante Antonio Osmar Mulhembruch – 07/12/2006)

A jornada de trabalho é componente da produção camponesa. Nesse aspecto, a realidade é toda particular. Não há uma rigidez de horário diário como na produção capitalista; a jornada de trabalho do camponês varia conforme a época do ano e segundo os produtos cultivados. Assim, combinam-se períodos chamados de ociosos, quando o camponês está livre para assalariar-se através de trabalho acessório, com períodos de intenso trabalho quando, nem o nascer e o pôr-do-sol, às vezes, são os limites naturais da jornada de trabalho. Os trabalhos que envolvem o preparo da terra para o plantio são feitos até durante a noite. Essa aparente irregularidade da jornada de trabalho dos camponeses é que abre espaço para o desenvolvimento de uma série de tarefas artesanais domésticas, que eles realizam nos períodos de pouco trabalho agrícola. (OLIVEIRA, 1997, p. 64)

Logo, percebemos que as atividades relacionadas à feira têm influência sobre a jornada de trabalho, de certa forma, diminuem a elasticidade observada nas monoculturas, e se torna abrangente ao envolver toda a família.

O tempo todo, eu e minha esposa em função das tarefas, desde a construção dos canteiros, estufas, sementeiras, plantação, irrigação, transporte de mudas, colheita, classificação e embalagem e participava da feira. A família toda estava constantemente participando do processo como um todo. (Áudio Kavestzki – 28/11/2006)

Minha esposa preparava as embalagens, fazia os doces, colhia os frutos do morango, também produzia doces de pêssegos, de abóbora... também pesquisávamos no mercado para vendemos nossos produtos, com preços mais baixos... as demais tarefas toda a família estava envolvida, inclusive o filho que morava e trabalhava na cidade, o mesmo... vinha nos buscar com o seu carro para podermos ir à feira, levar nossos alimentos para efetuar a venda. (Valmor Alves Ribeiro 21/04/2007)



Estas falas dialogam de forma muito próxima com o que segue:

A situação da mulher camponesa é muito específica. Ela faz parte de uma unidade familiar onde produção e reprodução do patrimônio e das pessoas constituem um processo único. Os membros do grupo domésticos participam dos diferentes momentos que compõem o processo produtivo, conforme o sexo e a idade e em função do ciclo anual das culturas, bem com do ciclo de desenvolvimento da família. (PRESVELOU, 1996, p.96)

Bem sabemos do papel fundamental que têm as mulheres no desenvolvimento social. Tudo perpassa pelas mãos das mulheres. Ao elaborar uma alimentação diária, quem pensa o que irá se fazer é a mulher. Porém, não deveria ser dessa forma. Referindo-nos à questão nutricional, vários momentos poderiam ser compartilhados, porém, "(...) não deve ser restrita somente às mães; a mesma deve ser orientadas para envolver os pais e as crianças nas escolas." (PRESVELOU; ALMEIDA RODRIGUES; ALMEIDA ANÉCIO, 1996, p.18)

A mulher tem participação direta na produção alimentar, tem a responsabilidade e participa em todas as etapas do ciclo alimentar em que está inserida. Como na produção, seu envolvimento é constante em todas as atividades cotidianas para garantir a produtividade e a colheita dos alimentos; também no momento da pós-colheita, com cuidados necessários à preservação dos produtos e a preparação dos alimentos, em seguida para atingir o momento da comercialização dos produtos. Momentos esses que requerem muito esforço físico e resistência.

Além disso, as mulheres tomam conta das tarefas domésticas dia após dia, acarretando inúmeros momentos de cansaço, porém, demonstrando garra e perseverança de luta e conquistas.

Presvelou (1996, p. 19) relata que:

Sua jornada de trabalho é bem mais longa do que a dos homens. Uma mulher camponesa precisa de 60 a 90 horas de trabalho por semana para atingir o nível de vida de 10 anos atrás. Durante o verão, o horário das mulheres pode aumentar até 20%. (FAO, 1990 a)

3.2 - O planejamento familiar sobre a organização produtiva

Constata-se que esta atividade exercita o planejamento das atividades com toda a família. Os depoimentos confirmam que esta prática é corriqueira e se dá durante o meio-dia, à noite, ou até mesmo no trabalho. Além de um planejamento

estratégico do que plantar em médio prazo, a maioria dos trabalhos, é pensada um dia antes de sua realização. A mudança da base produtiva - neste caso para hortaliças - vem se revelando como condição para que a mulher - e seguramente os filhos - passe a planejar, orientar, executar trabalhos que anteriormente eram privilégio dos homens, ou seja, as mulheres passam a ser geradoras de renda e ligadas às relações públicas, como a comercialização.

Segundo Oliveira (1997apud TAVARES dos SANTOS, 1978, p.33):

Cada pessoa da família camponesa desempenha um trabalho útil e concreto, segundo o momento e a necessidade. Desse modo, estrutura-se no interior da família uma divisão técnica do trabalho, articulada pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada dos vários membros da família. Nesse sentido a família camponesa passa a ser trabalhadores coletivos.

Nesta experiência baseada na convivência e na prática, ocorre a aprendizagem, com os erros e acertos, sendo esta uma atividade que não se esquece. Dessa forma, para o que não se compreende no momento, novos estudos são feitos, geralmente, buscados em visitas a outros agricultores feirantes, empresas e até nos rótulos das sementes, folhetos, apostilas, etc.

Tudo planejado, muito diálogo e reflexão entre o casal, analisamos quais os produtos adequados para a época, como e onde o faríamos. (Áudio Kavestzki – 28/11/2006)

A participação da esposa no planejamento permitiu que se mudasse a produção, voltando-se para outras atividades.

O planejamento da esposa, que percebeu e começou a me questionar que a lida do plantio da lavoura de milho, tinha o custo elevado, onde o peão cobrava R\$ 1,00 por saca para colher, e a saca tinha um preço de R\$15,00. Hoje o peão cobra R\$ 20,00 à R\$ 25,00 o dia e a saca de milho têm um valor de R\$ 16,00. (Valmor Alves Ribeiro – 21/04/2007)

Esta reflexão levou a família a perceber que não dava mais para continuar assim. Passaram a conversar sobre as idéias da esposa e iniciaram com um canteiro grande de plantação de morango para fazer um teste. Ao produzir, começaram a vender nas vilas, Cantagalo e Candói. Venderam 18 bandejas rapidamente e começaram a “negociar” com os consumidores.

Aos poucos foram também fazendo geléias e doces. Depois, com este conhecimento, passaram a ajudar outras pessoas, trocando experiências.



... trocamos experiências e isso nos deixou felizes em poder ajudar os companheiros... (Valmor Alves Ribeiro – 21/04/2007)

As famílias também reclamam da falta de apoio e cumplicidade da parte técnica do município:

Embora realizem inúmeras visitas, trazem gente para ver a experiência, tiram fotografias, exprimem opiniões, mas, não conseguem contribuir de forma efetiva e muitas vezes se equivocam. (Áudio Kavestzki)

3.3 – Produção e comercialização

Nessa amostragem, é visível que a produção das diversas famílias era a mesma. Os agricultores produziam as mesmas variedades. Por si só a diversidade não é ruim e até desejável. No entanto, as famílias feirantes tinham dificuldade de escalonar a produção entre elas, de estabelecer limites de produção, de planejar a produção. Parecia, para muitos, concorrência quando um produto havia sobrado. A solução geralmente encontrada para isto é a especialização - cada família produzindo um tipo de hortaliça - o que não combina com a lógica camponesa de diversificação e de produção de acordo com a capacidade natural de produção.

Não há uma organização por parte dos feirantes para que cada um venda produtos diversos. Precisamos ter um olhar de diversificação para alcançarmos a satisfação de todos que procuram por alimentos saudáveis.

A tabela a seguir, nos aponta a falta de identidade, ou seja: somos capitalistas e concorrentes ou agricultores e cooperados? A organização da feira dá mostra de uma organização capitalista, e isso nos leva a ser individualistas e egocêntricos, "...

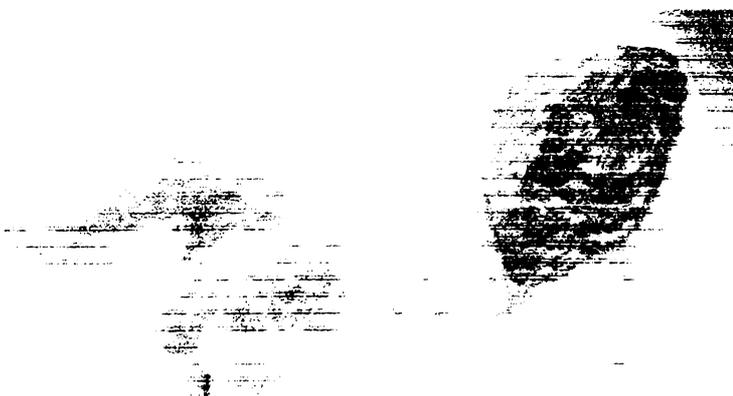
amigos, amigos, negócios à parte”. E uma feira segundo esse modelo vai seguir os moldes do sistema capitalista, onde poucos conseguem ficar no mercado. É a lei do mais forte.

Relação dos produtos e quantidade aproximados, vendidos na feira:

Feirante: Osmar Mulhembruch	Feirante: Áudio Kavestzki
Pepino 70 kg	Pepino 30 kg
Repolho 30 kg	Repolho 100 kg
Mandioca 50 kg	Mandioca 100 kg
Batata doce 60 kg	Batata doce 40 kg
Poncã 150 kg	Poncã 70 kg
Laranja Bahia 100 kg	Laranja 50 kg
Abobrinha 40 kg	Abobrinha 20 kg
Alface 100 unidades	Alface 50 unidades
Cenoura 30 kg	Cenoura 20 kg
Melão 30 unidades	Melão 40 unidades
Tomate 30 kg	Tomate 100 kg
Beterraba 20 kg	Beterraba 15 kg
Melancia 20 unidades	Melancia 50 unidades
Brócolis 10 maços	Brócolis 10 maços
Maracujá 10 kg	Couve flor 50 unidades
	Espinafre 10 maços
	Couve 30 maços
	Chuchu 25 kg
	Abobrinha verde 8 maços

O feirante Valmor relata que vários tipos de doces têm sido produzidos, como geléia e licor nos sabores de framboesa, amora e morango e as chimia de morango, pêssego e abóbora.

Os doces eram entregues à Merenda Escolar, nas feiras livres, e entregues para amigos e conhecidos nas ruas e nas casas.



Não havia organização por parte da prefeitura e dos feirantes, cada um vendia o que queria e podia. (Áudio Kavestzki – 28/11/2006)

Talvez se a feira fosse pensada buscando a cooperação, ela se tornasse mais forte e menos dividida. Para tanto, seria necessário um esforço para construir coletivamente uma nova proposta de feira e o entendimento do que é cooperação.

Concluiu-se haver a necessidade de formular princípios, os quais farão parte das ações na feira e das relações entre as famílias e destas com os consumidores.

A feira seria composta por agricultores ecológicos e somente comercializaria alimentos ecológicos; teriam prioridade agricultores e familiares organizados, mas também se trabalharia com famílias individuais. Um grupo poderia ter uma só família participando da feira, mas esta viria representando um coletivo, grupo ou associação. A comercialização poderia ser de alimentos produzidos por esse grupo, desde que fossem ecológicos; a feira teria preocupação de inclusão social, ou seja, estaria aberta à participação de todos os agricultores familiares ecológicos que desejassem participar da mesma e que respeitassem seus princípios; teria um caixa único, ou seja, cada grupo teria que se organizar anteriormente para a feira e, posteriormente, também para fazer os acertos da venda; seria priorizada a prática de preço justo para agricultor e consumidor; as decisões seriam tomadas no coletivo, considerando os interesses coletivos mais importantes que os individuais; haveria transparência das ações; todos teriam oportunidades e direitos iguais; a feira teria uma comissão de ética, com a responsabilidade de auxiliar na resolução dos problemas surgidos no decorrer do processo. (BURG 2005 apud ASSESOAR, 2003, p. 80)

Mas, ao inserir-se em uma feira livre, perpassamos por dois vieses: o de satisfação em estar inserido no processo da construção ou o da frustração de perder a essência da lógica, ficando apenas como meros vendedores explorados e competidores entre si e com supermercados locais.

É possível também que as discussões, reivindicações e indignações, tenham sido evitadas ou ignoradas pelos próprios trabalhadores. Isso em virtude de se sentirem inferiores e não levando em consideração que é assim seu trabalho digno com inúmeros conhecimentos avançados e bem elaborados, levando em conta também que são desenvolvidas atividades humanas e em condições puramente naturais, e dentro das condições de cada realidade que o sujeito está inserido.

Em relação à venda para a Merenda Escolar, em alguns momentos ocorrem as insatisfações de estarem inseridos neste meio, ocorrendo sentimentos de exploração, por faltar diálogo e decisão entre Gestores da Merenda e os Feirantes. Porém, em outros momentos, o prazer de trabalhar com este tipo de comercialização se efetua e isso ocorria no instante em que os produtores negociavam seus produtos nas casas e nas ruas, isso em virtude da comunicação e da convivência que se efetivava com os consumidores, além da possibilidade de obterem uma renda semanal para as famílias.

A feira é um meio, um instrumento, para nós agricultores/as começarmos a refletir o quanto perdemos de aumentar nossa renda e de estabelecer novas parcerias, com outras famílias do município e ainda, de enfrentar o mercado até agora desconhecido. É uma das possibilidades de mudança. É uma possibilidade de conhecermos o consumidor, de nos juntarmos para decidir os problemas da produção e da comercialização. (ASSESOAR, cartilha informativa 2002)

Partindo desse pressuposto, os camponeses teriam oportunidades de comercializar seus produtos, tanto na Feira quanto para a Merenda Escolar, nas ruas, de porta em porta e alguns supermercados da cidade e região, também em alguns restaurantes. Além disso, oportunizar pessoas que tenham carisma para negociar os produtos de natureza hortifrutigranjeira, na tentativa delas terem oportunidades dignas para comercializar alimentos que produzem com satisfação e alegria, onde está expresso seu trabalho, que com orgulho vem fazer parte desse contexto social:

As vendas nas ruas e entregas nas casas nos faziam muito felizes, conhecer os consumidores, as amizades que fomos criando com os sujeitos, no qual posso afirmar que, a amizade é a alma do negócio. (Feirante Osmar Mulhembruch – 07/12/2006)

As pessoas que adquirem nossos produtos, de consumidores passam a ser nossos amigos, conservando e criando grandes amizades. (Valmor Alves Ribeiro – 21/04/2007)

Os momentos com os consumidores trazem a possibilidade de aprendizado contínuo.

Outro fator de satisfação em ser produtor feirante é saber que seus produtos não contêm agrotóxicos, sendo saudáveis e saborosos e que também trazem muitos benefícios para a saúde dos sujeitos.

Referindo-se aos agricultores familiares, é pouco explorada a relação de qualidade de vida e saúde em relação à produção de alimentos. A agroecologia, que aos poucos vem ganhando um lugar especial, torna-se um elemento importante neste processo:

A agroecologia é, acima de tudo, um ato de liberdade, um modo de ver e de se relacionar com o mundo e com a natureza, uma opção de vida. Agroecologia faz quem quer e não existe uma fórmula pronta, uma receita acabada que se pode copiar e sair fazendo. Na produção agroecológica, o/a agricultor(s) é um profissional, em constante aprendizado, na arte de produzir alimentos saudáveis. Descobrir o que ajuda e o que prejudica a natureza e toda a vida existente nela faz parte desse aprendizado. (CARTILHA REDE ECO VIDA, p. 07)

Por outro lado, a contaminação dos alimentos por agrotóxicos é de risco para nossa saúde, tendo efeitos colaterais que comprometem o ser humano, provocando doenças que muitas vezes levam à morte. Nessa perspectiva, precisamos criar alternativas para promover vida e saúde e uma dessas práticas é a produção de alimentos saudáveis para a família e para a sociedade. Dessa forma, a produção de alimentos naturais, sem uso de agrotóxicos, torna a feira um componente da sociedade que recria novos conceitos e costumes; assim, a visão de produção simples de produtos não industrializados é uma atitude de desvalorização desta fonte de renda dos camponeses.

Ainda com referência aos males dos agrotóxicos, devemos considerar que estes se revelam de forma diferente em cada pessoa, como irritação, renite, oleosidade e depressão. O veneno vai atacando algumas células do nosso organismo, com isso vamos adoecendo em lentidão e gradativamente. As nossas células têm capacidade de equilíbrio programada para agüentar e não morrer. Com a ingestão de agrotóxicos sentem-se alterações e nossos órgãos não funcionam com a mesma capacidade e acabamos adoecendo.

O veneno destrói o funcionamento das células que produzem energia para o corpo e atingem o coração, fígado, olhos, ouvidos, rins, pâncreas, sangue e cérebro, provocando as doenças. Salientamos que impedem a reprodução humana, atingindo a nossa fertilidade, inteligência e nossa sobrevivência. Exemplificamos essas ocorrências utilizando um dos agrotóxicos usados freqüentemente nas plantações frutíferas:

Dicofol: organoclorado, faixa amarela, altamente tóxico, utilizado em frutas, principalmente em citros, verduras, parreiras. Suspeitos de serem cancerígenos. A pesquisa mostrou as porcentagens de agrotóxicos acima do limite máximo de resíduos – LMR, presente em oito tipos de alimentos: Morango 46%, tomate 26,1%, batata 22,2%, mamão 19,5%, alface 8,64%, banana 6,53%, maçã 4,04%, laranja 1,4% (REVISTA CAMBOTA, 2004, p.25)

Precisamos nos conscientizar dos grandes males que os agrotóxicos causam, mudarmos nossos hábitos de consumo e buscarmos alternativas de produções alimentícias para possuímos energia, lucidez, disposição e darmos importância para uma boa qualidade de vida.

Portanto, os sujeitos do campo e da cidade deveriam ter essas informações, para que assim pudessem produzir produtos agroecológicos, sendo que as pessoas que vivem na cidade poderiam ter acesso a produtos ecológicos, evitando o consumo de produtos contaminados por agrotóxicos que possuem um público fiel e nos quais o capitalismo investe pesado.

Para protegermos nosso organismo e termos vitalidade precisamos de alimentação com qualidade. Porém, se criarmos o hábito de consumir alimentos ecológicos e quebrarmos alguns paradigmas culturais, teremos uma vida saudável e tranqüila; se a nossa alimentação for adequada, conseqüentemente, teremos saúde.

Devemos considerar, quando os produtos têm boa qualidade, não contendo agrotóxico, que a aceitação desse produto é significativo, levando em conta suas características relacionadas a: produtos frescos, colhidos na hora, de boa qualidade, produzidos sem o auxílio de produtos que prejudicam a saúde do ser humano.

Os estabelecimentos comerciais não oferecem alimentos dessa origem. Este olhar está voltado dentro da agricultura camponesa que se preocupa com produção de comida para a sobrevivência humana. A propriedade camponesa não visa unicamente o lucro, a coisificação da natureza, mas a reprodução da vida.

A produção é pensada para o consumo familiar, seu bem estar e melhoria de vida, portanto, o campesinato planta para comer e o excedente é vendido para outras famílias. Desta forma, seu auto-consumo se estende para a sociedade.

No Código de Defesa do Consumidor do Brasil afirma-se que:

O consumidor é todo indivíduo que adquire um produto, definição que a distância isenta do conjunto dos processos produtivos e sociais. Em geral, o consumidor só se manifesta em relação a este ou àquele produto na medida em que vê seus interesses particulares atingidos, buscando então informações sobre eles e/ou proteção jurídico-legal para a sua resolução. (KARAN e ZOLDAN, 2003, p.08)

Partindo desse pressuposto, a agricultura camponesa não é local apenas para se viver bem, é também local de produção com desenvolvimento familiar e social, com uma cultura própria de envolvimento com a natureza e nas ações coletivas. Na nossa civilização, não se tem considerado nos processos hegemônicos a relação com a natureza e nem da relação com o outro. A mercadoria tem tomado este espaço, afastando os produtores dos consumidores.

A produção da agricultura sustentável, hoje um dos principais referenciais para as organizações que atuam no meio rural, em particular com

agricultores da agricultura familiar, que buscam um novo paradigma para o desenvolvimento com base em princípios de sustentabilidade e solidariedade. (ALTIERI, 2002, p.07)

3.4 - Algumas dificuldades enfrentadas pelos produtores no decorrer do processo

A produção ecológica não se resume em um pacote fechado, pronto, mas sim do processo de conhecimento de experiências acumuladas de anos dos povos camponeses, que registram suas capacidades e sua relação com o mundo em sua totalidade.

Sendo assim, desenvolver a produção, com uma proposta de desenvolvimento que contemple novas visões do processo de produção e comercialização, de novas formas de se relacionar com a natureza é um novo desafio que os camponeses irão encontrar pela frente. O intuito é deixar de produzir monocultura para produzir alimento para a sustentabilidade, quebrando algumas formas de pensar relacionadas ao mundo da mercadoria.

As dificuldades poderão ser inúmeras, esses momentos terão que constituir muitas resistências, e os enfrentamentos terão que ser feitos para que a permanência na feira seja um ato viável.

... antigamente o sol não era tão forte, comparado com hoje, mudou muito de temperatura e, com isso, agravou nossa situação de cultivo. (fala da família do feirante Valmor Alves Ribeiro – 21/04/2007)

Essa sociedade camponesa enfrentaria situações difíceis, como: má colheita por motivo de tempo, falta ou excesso de chuva.

Sendo o clima um agravante que não se resolve sozinho, faz-se necessário um processo de conscientização onde todos os sujeitos que vivem nesse planeta “Terra” passem a desenvolver um projeto ecologicamente correto. Para as atividades camponesas, estes devem estar voltados para a biodiversidade com vistas a um desenvolvimento sustentável.

Ecologicamente é importante compreender a sazonalidade como aliada e como limite ecológico, mas que nos trazem seus atrativos gustativos, paisagísticos, turísticos, econômicos e até poéticos. Sazonalidade e regionalidade são cores que dão vida ao planeta, são compassos e atitudes para a humanidade retomar ao ritmo

da criação sobre a terra com as possibilidades de produção diversificadas para a vida.

O desafio de retomar o abastecimento alimentar local, priorizando os alimentos de melhor adaptação à região e sua alternância segundo o ritmo das estações é indispensável para o abastecimento da humanidade e para a produção sem agroquímicos.

... um mesmo cultivo, fora de sua região climática e de sua melhor época, é muito mais susceptível a pragas, doenças e deficiências minerais, além de resultar menos sabor e menos nutritivos. Sazonalidade coloca limites às idéias econômicas atualmente dominantes, de que cada região deve se especializar naquilo que melhor possa produzir, suprimindo suas outras necessidades no mercado mundial. (KHATOUNIAN, 2001, p.55)

Neste sentido, levando em consideração os aspectos relacionados às "pragas" e as "ervas daninhas" que surgem nas produções de alimentos, inúmeras vezes os camponeses perdem a produção, sabedores de que para ter um produto de qualidade não se podem utilizar produtos químicos na produção e um trabalho alternativo baseado nos saberes populares deve ser feito:

Perdemos a plantação por duas vezes consecutivas, em torno de 3.500 mudas de tomate em cada safra, totalizando 7.000 pés. Embora buscássemos ajuda, não conseguimos recuperar a produção "infectada" pelas "pragas". Por conseguinte tivemos que vender parte do nosso terreno, para nos livramos das dívidas. (Feirante Áudio Kavestzki – 28/11/2006)



Presvelou (1996, p.84) relata que "O mais difícil é o cultivo de tomate. Requer muito tempo, é uma cultura cara e de alto risco. Sempre tem que estar atento. Além do cansaço físico, o cansaço mental também é grande. Exige muito (...)".

Outro agravante é o alto custo dos insumos, como os adubos e as sementes, se comparados com o preço da venda dos alimentos:

... nos dois últimos anos, a saca de adubo custava de R\$ 8,00 a R\$ 10,00 e os tomates eram vendidos a 0,50 centavos o quilo. Porém, no final do ano o adubo chegou ao valor de R\$ 60,00 a saca, enquanto os tomates permaneceram os mesmo valores de venda, 0,50 centavos o quilo. (relato do feirante Áudio Kavestzki – 28/11/2006)

Outro fator que deverá ser lembrado são os aumentos dos combustíveis, que se levados em consideração aos preços constantes das hortaliças, vão tornando inviável fazer viagens seguidas até a cidade para efetuar as vendas e entregas dos alimentos.

Tivemos que limitar as viagens de vendas, pelo motivo do aumento do preço dos combustíveis, e se as vendas não forem em grandes proporções, não compensa continuar com as entregas dos produtos. Lembrando que nossa propriedade está em uma distância aproximadamente 36 km da cidade, sendo assim, os prejuízos aumentarão e o lucro não acontecer. (feirante Osmar Mulhembruch – 07/12/2006)

A falta de recursos para investimentos em estrutura de produção, conservação de alimentos, de entrega, tanto para a Merenda Escolar quanto para os seus consumidores atrapalha as novas atividades.

Vale ressaltar que financiamentos, como o PRONAF, foram ofertados para os produtores, porém, eles têm certos receios, de certa forma, resistência em assumir compromissos com o banco: "...decidimos juntamente com os familiares de não nos envolvermos com o Banco. O Banco nos deixa desconfortável." (feirante Valmor Alves Ribeiro – 21/04/2007)

É muito perceptível este "medo" nos produtores feirantes, que sabem que a feira livre não propicia acúmulos de fortunas.

O que acontece hoje com as pequenas produções de base familiar é que o produtor está sempre endividado com o banco, a sua propriedade sempre comprometida como garantia de empréstimo para investimento e, sobretudo para custeio das lavouras... (OLIVEIRA, 1997, p.61- 62 apud MARTINS, 1981, p. 176)

Os camponeses trabalham e ficam com as contas, enquanto os atravessadores colocam os produtos no mercado e ficam com parte do lucro, e a

outra parte é o comércio que lucra. Enfim, os maiores explorados são os produtores e os consumidores.

Vale ressaltar que hoje estamos vivendo essa situação, onde os produtores camponeses plantam para vender a mercadoria aos intermediários, que são chamados atravessadores.

Os produtores ficam com as contas e a mão-de-obra, e os consumidores adquirem o produto com o preço de mercado e entre ambos está a exploração.

Continua em sua reflexão que a antiga sociedade da família rural, explorado exclusivamente por seu próprio esforço, o próprio chão é substituído nas empresas agrícolas por um grupo de operários contratados e os quais sob o comando do proprietário, trabalham para ele na lavoura, guardam seu gado, enceleiram a sua colheita... [...]... transformam novas esferas de produção camponesa para o consumo pessoal em domínio de produção de mercadorias, aumentando das mais diversas maneiras a procura de dinheiro por parte do lavrador, substituindo o trabalho de família pelo trabalho assalariado. E assim o desenvolvimento do modo de produção capitalista na cidade basta para transformar completamente a existência do camponês. (KAUTSKY, 1980, p.35)

É possível que atualmente muitos dos pequenos produtores, que vêem seus filhos abandonarem a agricultura e partir em busca de novas oportunidades ou então por falta de condições e oportunidades, optem ou são obrigados a trabalhar como funcionários de grandes produtores, tomando-se, desta forma, assalariados.

Também ocorrem na agricultura, atividades alternadas como, por exemplo, no verão as tarefas são mais intensas do que no inverno, precisando então de braços para a lida e criando situações de braços auxiliares, de operários assalariados que são ocupados durante o serviço mais duro e sendo dispensados quando não se tem mais necessidade deles. É preferível, desta forma, a dar comida o ano todo para os membros das famílias. Os braços alugados por assalariados são de camponeses proletários, filhos e filhas de camponeses que estão sobrando. Não tendo produção para levar ao mercado ou abastecer a sua casa, a única mercadoria é a sua mão-de-obra, sua força de trabalho.

Sendo assim, o capitalismo estimula os camponeses a buscarem trabalho nas indústrias. Elas fornecem mão-de-obra barata, ocorrendo o êxodo rural, onde os filhos dos camponeses perdem o sonho de produção e de luta pela terra e pela reforma agrária, iludindo-se pelo emprego e pelos salários nas indústrias, o que na maioria das vezes mal dá para garantir o sustento da família. Provoca-se, desta forma, o abandono do meio rural e criam-se problemas para as administrações

urbanas, pois muitas vezes o agricultor procura emprego e não possui qualificação e estudo que possam garantir melhores condições de trabalho e remuneração.

Marx (1993. p. 207-208) também ressalta que:

Todo o produto novo constitui uma nova potencialidade de mutuo engano e roubo. O homem toma-se cada vez mais pobre, enquanto necessita cada vez mais de dinheiro para se apoderar do ser hostil. O poder do seu dinheiro diminui em proporção inversa com a massa da produção, isto é a sua necessidade aumenta à medida que cresce o poder do dinheiro. A necessidade de dinheiro constitui, portanto a verdadeira necessidade criada pelo moderno sistema econômico e é a única necessidade que ele produz. A quantidade do dinheiro torna-se progressivamente a única propriedade importante; assim como ele reduz toda a entidade a sua abstração, assim se reduz a si no seu próprio desenvolvimento a uma entidade quantitativa.

Portanto, dentro do sistema capitalista não tem lugar para a produção obter qualidade de vida, como sujeitos humanos do campo, capazes de produzir alimentos necessários para a sua sobrevivência e a de sua família. Assim, tudo que se produz tem a finalidade de venda/lucro, o que é ilusório, pois não produz alimento saudável para a vida e sim mercadoria pronta para o mercado.

Nesse âmbito, a feira é uma forma de produção de auto-consumo e representa a contramão deste processo; portanto, é uma atividade a ser complexificada.

Os camponeses nascem e vivem em um meio onde o desejo de riqueza é diferenciado da grande maioria. Seus ideais não são puramente de riqueza, embora sem noção de classe organizada para fazer enfrentamentos aos problemas que surgem no dia-a-dia. A concorrência dos supermercados é sentida pelos feirantes, já que fazem promoção com hortaliças adquiridas de produtores por preços muito inferiores a seus custos, portanto é uma estratégia de concorrência.

Outro aspecto se dá em relação à reposição dos alimentos que estragam nas prateleiras; assim, o supermercado nunca perde.

Dessa forma, a feira passa ser um lugar diferente, onde os produtores se apropriam do produzido.

A entrega feita às supermercados era constante, com aceitação boa, porém, os proprietários dos mercados efetuavam o pagamento dos alimentos entregues a um baixo preço ficando assim inviável a continuação da entrega dos produtos alimentares. (Osmar Mulhembruch _ 27/12/06)
A exploração da mais valia dentro do modelo de produção, faz com que a riqueza se concentre nas mãos dos que não trabalham, ou seja, os exploradores, que visam apenas o acúmulo de capital, riqueza (...) O

trabalhador torna-se mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e em extensão. (MARX, 1993, p.159)

Portanto, se analisarmos a relação entre o trabalho e a produção, nos deparamos com a seguinte situação: o trabalho produz maravilhas para o rico, mas privando o trabalhador, que fica sem direito das maravilhas que produziu. Produz palácios e usufrui casebres. O trabalhador produz alimentos, mas muitas vezes não possui o alimento para garantir sua própria sobrevivência.

Para Kautsky (1980. p. 33):

Quanto mais à produção agrícola se transformava em produção de mercadoria, tanto menos lhe era possível manter-se na fase primitiva da venda direta do produtor aos consumidores. Quanto maior a distância e a duração dos mercados para os quais os camponeses produziam, e mais lhe era impossível vender diretamente, os consumidores de um lado e os produtores de outro. Era esse mesmo comerciante que com uma vista d'olhos assume esta função e domina uma certa medida e que dele se utiliza para explorar o camponês.

O sistema de produção capitalista se desenvolve e modifica a personalidade da produção rural. O agricultor produz mercadoria e cria mercadoria com maior valor do momento. Precisamos negar esse tipo de produtos mercadológicos.

Enquanto na feira livre as dificuldades se manifestarem no sentido de que não existe uma política pública concreta em relação à instituição feira, sem uma política bem estruturada e com estratégias e objetivos de sustentação, não se pode realizar um trabalho de qualidade e com segurança.

Por conta destes limites, fazem-se afirmações de que a feira livre é inviável, de que no início se apresenta com bons resultados, mas no decorrer do processo ela acaba sendo uma atividade que desmotiva, de que a participação dos produtores por ser economicamente inviável.

Por fim, o ponto das instalações das feiras livres, se em ambiente público e aberto, ou se em local fechado, distante das pessoas, revela a concepção com que a feira é realizada. É necessário um espaço organizado para que feirantes e consumidores tenham as mínimas condições de estabelecer um processo solidário.

Olhando para a feira na sua estrutura física - no caso estudado - que não apresentava condições adequadas, os consumidores não a percebiam como espaço apropriado para adquirir alimentos. Para os feirantes o lugar não propiciava uma boa relação com os consumidores. Se estes elementos básicos não tinham sido levados

em conta, muito menos o espaço estava preparado para facilitar o aprendizado, a socialização de conhecimentos, a humanização entre os sujeitos que ofertam os produtos e os que buscam tais produtos.

O local era em uma rua de chão batido, muito pó e quando chovia virava uma lamaeira, de pouco movimentação, onde tinha depósito de carro batido por ser ao lado de uma delegacia e de uma borracharia, com resíduos de pneus amontoados não tínhamos água para ser feito às limpezas e nem banheiros sanitários. (Valmor Alves Ribeiro. 21/04/2007)

Local inviável, distante sem movimento, quando chovia alagava tudo e o barro tomava conta. Não possuía água e nem banheiros sanitários, sem prateleiras nas barracas então, colocávamos tudo ao chão e a aparência era drástica. (Áudio Kavestzki – 28/11/2006)



Se o campo para muitos é tido como lugar desprezível, as estruturas públicas para o campo também recebem o mesmo tratamento. De fundo, a estrutura da feira revela a concepção de campo e o papel que é relegado aos camponeses. Por outro lado, os investimentos em urbanização da cidade se fazem notar na maioria dos municípios.

Faz-se necessário, ao conceber uma feira, um olhar de resistência dos camponeses a este "segundo" plano. Tomar relevante a pauta dos feirantes é fazer enfrentamentos. No entanto, a proposição da feira geralmente vem dos governos e os feirantes assumem uma postura de dependência e de individualismo.

É politicamente pobre esperar que os outros resolvam o nosso problema. O clientelismo é algo a ser superado nas práticas sociais. Propor políticas públicas passa ser condição para a sustentação de projetos populares como feira livre.

A organicidade quando é deixada a desejar, torna-se ponto negativo da feira. A escolha do local passa ser uma estratégia política.

Se a feira livre deve ser local de humanização, de troca de saberes, de reflexão do trabalho, envolvendo famílias produtoras de alimentos e consumidores, de diversidade, tais situações precisam ser reconsideradas.

Sendo a feira uma das alternativas a qual propicia a humanização dos sujeitos do campo e povos da cidade, ela aponta mudanças necessárias nos aspectos de planejamento, organicidade, tipos de produção de alimentos, comercialização, entendimento de campo e de cidade.

Os agricultores pouco compreendem a força do seu conhecimento, enquanto aprendizados culturais, adquiridos dos seus antepassados, de geração para geração, em cada lugar. Não percebendo isto, vê-se a produção como um ato individual, não interagindo com seus vizinhos, amigos, familiares e comunidade, as sementes, as técnicas e saberes acumulados, tornando-se sujeitos individualistas e sem autonomia para plantar, trocar e comercializar sua produção alimentar, pois buscam no mercado suas sementes, insumos diversos a preços estabelecidos pelo modelo capitalista. Com isso, perdemos a força enquanto sociedade organizada.

Vê-se, então, a necessidade de resistência e reflexão por parte dos sujeitos do campo em buscar alternativas em retomar sua organização; valorizar a troca de saberes; criar suas próprias maneiras de produzir - metodologias e tecnologias - além dos cuidados que têm na preservação do meio ambiente, que serve de reflexão para ter tranquilidade enquanto sujeitos conscientes com o meio em que convivemos e na produção que se pratica nesse meio.

O mais difícil não é o processo de conquistar a terra, mais sim é fazê-la produzir, organizar a cooperação, desenvolver novas tecnologias e forjar uma nova consciência nos sujeitos, para que se tomem verdadeiros camponeses. Para isto precisa-se de muita dedicação, estudo troca de experiências e uma dose de maleabilidade nas formas organizativas. Este é um aprendizado que não se encontra nas instituições de ensino, nas universidades, leva-se muitos anos para adquiri-lo na prática concreta. Eis por que a grande maioria das iniciativas de assistência governamental fracassa: pela simples ignorância de seus agentes que mal sabem perceber a realidade em que vivem os camponeses com seus hábitos, defeitos e virtudes. (BOGO, 1999, p.35)

Ao se optar pelo caminho da diversificação da produção, também mexemos nos costumes que estão empregados na nossa sociedade, tanto produtiva quanto consumidora; sendo assim, exige-se que os produtores exerçam um novo papel no processo produtivo. "Seu trabalho deverá desafiá-lo a constituir-se em executor e criador. A própria execução (trabalho manual) devera provocá-lo a pensar e criar

(trabalho intelectual) e será necessário que isso aconteça tanto no plano do individual como no coletivo.” (SPEP, 1992)

Ao referir-se sobre esta colocação, é necessário que haja interesse por parte dos produtores de adquirir, além do conhecimento, das suas práticas e experiências, eles precisam buscar alternativas e somar novos saberes, experimentar inovações coletivas e tecnológicas que poderão trazer ajuda significativa, desenvolvendo projetos a partir do conhecimento empírico dos agricultores camponeses. Conhecimento esses baseados em experiências de anos e anos registrando tais evoluções da humanidade interligadas com a natureza.

Não se trata apenas de resgatar a tradição das práticas dos lavradores, muitas vezes inadequadas às novas condições ambientais e econômicas, fruto das transformações recentes da ocupação do espaço rural. Não se trata, também, apenas reconhecer a cultura popular com interesse restrito de transformá-la, embora isso tenha seu peso numa estratégia de inovação tecnológica. Trata-se, isto sim, de identificar as inovações e adaptações idealizadas e executadas pelos produtores frente às modificações a eles impostas pelo universo ecológico e econômico que o cercam e que está em constante mutação. (ZAMBERLAM E FRONCHETI, 2002, p. 94 apud WEID-ASPTA, 1988, p. 9)

Nesse sentido, a feira torna-se possível para que o sujeito adquira algumas possibilidades de desenvolvimento no campo e dos sujeitos do campo que lutam e permanecem lutando que acreditam que seja lugar de conquistas, aprendizado, culturas e saberes, organicidade, criatividade e descoberta coletiva.

O desenvolvimento sustentável é “um processo de transformação que busca beneficiar a coletividade a partir do equacionamento de problemas específicos por meio do inter-relacionamento não conflituoso – e que deve ser regulamentado por instituições – entre os campos da economia, do espaço, da saúde, da educação da cultura e do meio ambiente”. (SILVA, 2006, p.66 apud SILVA. C.L. 2005)

A feira pode tornar-se lugar onde os agricultores tornam-se sujeitos participativos do processo produtivo e de comercialização, sendo um elo direto de quem produz e de quem consome, tornando-se próxima e alargada relações entre oferta e procura, num olhar de mercado justo e solidário, e resignificar um espaço de participação coletiva, “Criando alternativas entre produção e comercialização, e que este mercado alternativo é o melhor negócio para os agricultores, uma vez que um dos princípios é diminuir os elos de intermediação que separam o agricultor do consumidor...” (REVISTA, AGROECOLOGICA, 2003, p.14)

Ao pensar na feira temos que tomar decisões sobre certos produtos e aprender novas formas de organização e, então, controlar a riqueza que é produzida.

Precisamos entender que a feira não é lugar apenas de vender produtos, mas compreender e avançar na idéia de possíveis organizações, com sustentabilidade social, econômica, ambiental e cultural.

Ao mesmo tempo em que produzimos, devemos estar vinculados politicamente e afetivamente com os consumidores, para que estes percebam que é possível adquirir alimentos de boa qualidade a preços mais acessíveis, também guardar amizade aos vendedores. (BOGO, 1999, p.76)

Políticas que coloquem reflexão e análise, além do preço mais barato e do consumo de alimentos mais saudáveis, são necessárias para a sustentabilidade social, econômica, ambiental e cultural.

Na sustentabilidade social propor a inclusão (ação) social dos sujeitos e a geração da igualdade para uma vida digna com qualidade para sua família e os sujeitos. Em relação ao econômico, os alimentos produzidos buscam a sustentabilidade duradoura, beneficiando os produtores camponeses e os consumidores. No aspecto cultural, a agroecologia respeita e resgata, transforma os valores e conhecimentos dos povos do campo e da sociedade. Trás novas perspectivas de organização.

De acordo com a Rede Ecovida a agroecologia é um:

Processo de produção de alimentos e produtos em conjunto com a natureza, onde os agricultores/agricultoras desenvolvem suas atividades protegendo o ambiente e sem depender dos "pacotes tecnológicos" com seus caros e degradantes insumos industriais. A agroecologia visa à qualidade de vida e não somente as sobras financeiras. É a base para o desenvolvimento sustentável que inclui os aspectos sociais, ambientais e econômicos, envolvendo as dimensões políticas, técnicas e culturais, em processos educativos adequados, onde os trabalhadores e trabalhadoras assumem o papel principal e aumentam seu poder de intervenção na sociedade de forma organizada. (REDE ECOVIDA, 2004)

Referindo-nos ao desenvolvimento sustentável, na realização das potencialidades sócio-cultural e econômica de uma sociedade em sintonia o ambiente, a agroecologia tem sido o caminho mais recomendado.

A modernização fragmentou a agricultura e reduziu a possibilidade dos camponeses produtores de organizar seus espaços para planejar, decidir e organizar a vida. A feira é uma das alternativas e possibilidades para mudar essa

realidade, pois estimula pensamentos de mudança, de valorização da vida e da produção.

Se concebéssemos a feira livre com espaço de emancipação - de acordo com o diálogo estabelecido com os feirantes – ela poderia envolver boa parte da sociedade. Partindo do que poderia ser feito com a Secretaria de Educação, juntamente com todas as escolas municipais, muitos trabalhos surgiriam com parceria do educador e do educando, discutindo os temas relacionados à importância de se alimentar com produtos saudáveis, criando e desenvolvendo projetos relacionados aos hábitos alimentares, tratando das tendências mundiais de distribuição de alimentos, da divulgação; envolvendo educandos em pesquisas inseridas no conteúdo que a escola; promovendo debates com os familiares e com a comunidade. “O conhecimento não nasce do conhecimento, é no trabalho que se constará a matriz de conhecimento e o melhor disciplinador do disciplinado é o trabalho, e o trabalho é o melhor lugar para aprender”. (ARROYO, SEMINÁRIO, PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, CURITIBA, 27/03/2007)

Assim se faz necessário ter uma relação alargada entre a produção e o conhecimento adquirido de geração para geração. Precisamos acreditar nas forças produtivas e na força do nosso trabalho e dos nossos saberes compartilhados e apropriando-nos de vários saberes, novos saberes integrados no cotidiano e que o trabalho é tudo aquilo que se incorpora no desenvolvimento social e cultural. Que através do trabalho possibilitamos alternativas para nos humanizar.

Saber construído no coletivo, na prática do cotidiano juntamente com a família, nos enfrentamentos, no conjunto das idéias, nas práticas produtivas onde se gera o processo de criar e recriar processos significativos na produção camponesa, onde se cria outro saber para sobreviver no campo. Podemos ressaltar que os camponeses, além dos saberes, também possuem conhecimentos desenvolvidos pela ciência.

Se quisermos elevar seriamente o nível de nossa agricultura, se quisermos divulgar amplamente os novos métodos aperfeiçoados de trabalho agrícola e de economia rural, a escola deveria ser colocada na vanguarda deste trabalho, porque ela é o centro cultural que influencia diretamente a criança desde uma tema idade e indiretamente toda a população camponesa”. (PISTRAK, 2005. p. 69)

Vivemos em um país em que os camponeses pequenos e médios formam maioria da população e a escola pode fazer muito mais do que o produtor do ponto

de vista técnico, aparecendo como um autêntico guia para o aperfeiçoamento dos métodos e dos instrumentos de produção de toda a economia rural. Porém, a escola convencional no modelo em que está colocada, não possibilita que as crianças e jovens, enfim, os sujeitos, liberem as emoções, imaginação de criar e recriar. O ser humano é um ser de valor, identidade, conhecimento e de capacidade.

Este trabalho, compreendendo a existência deste conhecimento, procura trazer à tona às percepções e os aprendizados das famílias agricultoras sobre a feira. Este acúmulo, já transcrito aqui, revela que a feira pode também ser um espaço de formação, uma ação que vai além do que geralmente se costuma ir.

O jovem precisa continuar na propriedade, pois é parte integrante da força produtiva familiar, sendo que sua permanência garante a reprodução social do processo de trabalho camponês.

A escola em geral contribui para aguçar o processo no interior da produção camponesa, pois ela tem preparado o jovem para o trabalho assalariado na cidade. Esses que só possuem como qualificação à força de trabalho, é um explorado. Assim a própria unidade camponesa se incube de reproduzir a força de trabalho própria e aquela de que o capital precisa uma vez que a reprodução ampliada da unidade camponesa não ocorre, em decorrência da sujeição da renda da terra dessas unidades ao capital. Dessa forma, o capital igual e contraditoriamente desenvolve-se permitindo a reprodução da produção camponesa, mas subordinando-a por todos os lados.(OLIVEIRA 1997.p.60)

Portanto, mesmo o ensino das escolas poderia se inserir nos fatos decorrentes da realidade local, significativos para nossos educando. Enfim, também se educa com temas como feira livre. Este conhecimento passa a reconhecer a feira como parte significativa da sociedade local e não só como lugar onde os menos favorecidos estariam buscando se inserir no mercado.

O currículo das escolas poderia ser desenvolvido levando em conta grupos organizados das comunidades como clubes de mães, associações de trabalhadores, grupos de produtores feirantes e outros. Assim, estaria estudando o espaço onde as famílias vivem e ao mesmo tempo propondo programas ou políticas públicas. A escola também pode colaborar para que ocorra a interação entre educação, família e sociedade.

A Secretaria da Saúde poderia promover palestras sobre a importância de alimentar-se adequadamente, onde é indispensável que tenha qualidade nos alimentos. Também os Agentes de Saúde, ao visitar as famílias, falar e trocar

informações referentes à boa alimentação que podemos adquirir nos espaços das feiras.

A Secretaria do Meio Ambiente e Turismo, com trabalho de interação com o paisagismo do local, poderia fazer um trabalho com jovens, envolvendo a sociedade. Tornaria o espaço aconchegante e acolhedor, que tivesse lazer, encontro dos amigos e as crianças indo à feira livre como espaço para brincar.

A Secretaria da Agricultura ofereceria suporte técnico para as famílias produtoras e informações necessárias no decorrer do processo.

Projetos de feira que levem em conta estes aspectos organizativos, com parcerias envolventes e compromissadas, com oportunidades de participar e decidir e uma estrutura física agradável têm mais chances de dar certo.

Muitas alternativas, em tese, envolvem a organização de uma feira livre. No entanto, prevalece um olhar mais pragmático e economicista nestas iniciativas, que por inúmeras vezes não são suficientes para manter uma feira em funcionamento.

É preciso inovar dinâmicas no trabalho com os consumidores e fazer um outro direcionamento na produção de alimentos, no qual os camponeses envolvidos na feira façam parte do processo. Criar dinâmicas de desenvolvimento, onde as ações serão refletidas, priorizadas, planejadas, avaliadas pelos sujeitos envolvidos.

3.5 – A organização dos agricultores e a feira

É notável a fragmentação das lutas do campo. Percebe-se de forma muito geral a falta de comprometimento coletivo. As associações não têm conseguido pautar estrategicamente a longo prazo. Os interesses dos feirantes, portanto, não chegam a ganhar força.

Projetos dessa envergadura, como a feira livre, necessitam de muitas reuniões e debates, de como está e o que deverá ser avançado na organicidade, para que a sociedade se envolva.

Há várias situações em que feirantes, na tentativa de participar de associações, como a Associações de Moradores, não vêm atingindo os objetivos. As próprias pessoas da comunidade têm visões e atitudes individualistas, onde prevalecem seus conhecimentos e hábitos culturais que não permitem acreditar que através da organicidade são conquistados inúmeros avanços.

Particpei das reuniões da CRESOL- Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária. SICREDI- Sistema de crédito cooperativo. STR- Sindicato dos Trabalhadores Rurais. CONAB- Companhia Nacional de Abastecimento E pude sentir que são organizações bastante fortes, tenho consciência que é somente através das organizações que se consegue vencer muitas lutas apesar de hoje não fazer parte de organizações sociais. (Osmar Mulhembruch _ 27/12/06)

Não havia organização por parte da prefeitura e dos feirantes, cada um vendia o que queria e podia.

Hoje tenho consciência da importância de se organizar, organização para humanizar, senão farão campanhas políticas usando os projetos elaborados por eles para promover-se em campanhas. (Áudio Kavestzki 28-11-06)

As citações acima indicam que os produtores estão conseguindo perceber quão relevante são as organizações e o poder político que estas desempenham. Quem se organiza, planeja é, com certeza, mais forte, ou seja, tem instrumentos para resistir, pois uma organização social pressupõe aliados de fé e de luta.

4 - A PERCEPÇÃO DO CONSUMIDOR

A realização das feiras livres propicia aos consumidores produtos diferenciados, fresquinhos, naturais e sem agrotóxico.

Os consumidores possuem hábitos nos quais teremos que processar como elemento chave, e, por isso, produzir alimentos baseados nas necessidades dos consumidores e atuarmos nos alimentos básicos pelas pessoas que buscam tais alimentações.

Por outro lado, há outras alternativas existentes em que alimentos produzidos sem o uso de agrotóxicos ou antibióticos já são consumidos por uma grande maioria da população. Potencial que está nos produtos camponeses, ofertados nas feiras, na alimentação da merenda escolar e nos mercados públicos que podemos criar.

Com isso, se estabelece uma relação de confiança com a sociedade que consome produtos oriundos das propriedades dos pequenos produtores, e na medida em que produzimos de modo diferenciado, a sociedade percebe e se apropria desses alimentos com qualidade, sendo que ao produzir alimentos também ocorre o pagamento de impostos como qualquer outro cidadão, por lei exigida. É possível desenvolver um trabalho educativo às pessoas, o acesso às informações sobre a produção e a comercialização de tais produtos. Trabalho esse que deverá ser permanente e com estímulo às pessoas, pelo qual se sentirão parte do processo com momentos de envolvimento enquanto consumidores de produtos produzidos pelos produtores organizados. Sendo assim, criam-se possibilidades de ir adequando planos de produção com o potencial de consumo.

Nossa participação na feira era constante, os alimentos vêm fresquinhos... que só os produtos do campo contemplam. (consumidor João Carlos de Mello 14/01/07)

Participamos da feira com a certeza de que os alimentos eram de qualidade sem agrotóxico. (consumidora Sandra Z. Coelho, 13/03/07)

Ao participarem das feiras livres, os consumidores se sentem contemplados com a qualidade, buscam apropriar-se dessa alimentação, sabedores de que seus familiares é que irão ganhar com uma alimentação correta. Os consumidores, ao inserirem-se nas feiras, buscam alimentos de boa qualidade, sem agrotóxico e de boa aparência, bem como variedades de produtos: "É politicamente pobre o consumidor que, acomodadamente espera que os gestores ou o Estado propicie ou

realize algo para sua defesa, e conseqüentemente não partindo para as conquistas em defesa própria". (DEMO, 1991)

Nessa perspectiva, do Código de Defesa do Consumidor do Brasil ressalta que:

Vale reter o direito de proteção à vida, à saúde e à segurança, à educação, orientação e informação sobre os produtos consumidos e a forma adequada de consumi-los, e ainda sobre a proteção contra a publicidade enganosa. Embora não se pretenda ser extenso, vale destacar que na área alimentar é cada vez mais crescente a necessidade de os consumidores conhecerem os produtos ofertados. De fato, é consistente e cada vez maior o volume de informações relatando os efeitos negativos de muitos alimentos produzidos com o uso abusivo de insumos químicos e sintéticos, ou mesmo aqueles derivados de organismos geneticamente modificados. (KARAN e ZOLDAN, 2003, p.08 e 09)

Outro aspecto que deverá ser levado em consideração são os preços atribuídos pelos organizadores feirantes. Constata-se que os preços dos produtos procurados ou consumidos nas feiras, muitas vezes estavam superiores aos do mercado convencional.

Percebemos que os preços dos alimentos adquiridos na feira eram superiores aos dos mercados, principalmente nos dias de feiras livres, tendo inúmeras ofertas irresistíveis nos supermercados! (consumidor João Carlos de Mello, 14/01/07)

O que foi notável para mim, são os preços dos alimentos da feira eram mais caros do que os preços dos supermercados e se as pessoas iam ao supermercado fazer comprar, já pegariam tudo que precisavam para sua família. Basta o preço dos alimentos baratarem, e na crise econômica que o povo enfrenta, busca fazer suas compras com preços mais baratos, embora, sendo sem qualidade. (consumidora Inedite Inês Mathias, 21-03-2007)

Os produtos da feira eram fresquinhos e saudáveis, porém com os preços elevados, acima dos comércios locais e poucas variedades, deixa certo desestímulo ao consumidor, apesar de saber da importância que é apropriar-se de alimentos agroecológicos. (consumidora Sandra Zezinha Coelho, 13/03/07)

Segundo os depoimentos dos consumidores, subentendesse que são corriqueiras as estratégias impostas pelo comércio capitalista, nas quais se vêem a feira livre como um concorrente ameaçador, as suas estratégias de comércio e baixa os preços com promoções "irresistíveis". Como resistir e concorrer com atitudes e a intencionalidade das empresas que visam exclusivamente o "acúmulo de capital", da exploração da "mais valia"?

A economia local vem ao encontro à comercialização direta. Se a venda direta ganhar um crescimento significativo, tende a pressionar a comercialização de supermercados e sua estrutura atacadista.

Em contraponto, a comercialização direta de agricultor/consumidor distancia a alimentação da via supermercado. O alimento passa a ter um outro valor, valor de alimento e não um valor monetário. Os supermercados abaixam o máximo possível seus preços, e nessa lógica, alguém vai ser explorado.

A competição dos supermercados não deve influenciar a organização dos feirantes. O neoliberalismo fez acreditar que só as grandes empresas irão sobreviver, daí vem as fusões de grandes transnacionais, os grandes distribuidores mundiais de alimentos, a alimentação padronizada a partir de quatro ou cinco produtos.

É importante e necessário entender a dinâmica de comercialização das redes de supermercados, sua lógica, as intencionalidades frente aos consumidores de maior e de menor poder aquisitivo. As ofertas chamativas, com produtos da cesta básica revelam as relações de exploração/expropriação dos produtores, sendo que os mercados visam uma relação de desconfiança entre os visitantes do estabelecimento, na qual é reflexo historicamente vivido. Os proprietários dos estabelecimentos visam apenas o capital, colocando o sujeito com objeto a ser explorando, e ao dirigir para suas comprar, não se apropriando de que o consumidor é a parte fundamental para o processo consistir eficácia.

Quanto aos mercados médios e os pequenos, podemos salientar que a relação com os consumidores é de maior ligação, com laços de amizade somados de vários anos de convivência. (Arquivos ASSESOAR, documentos em Construção, 2007)

Estabelecer concorrência entre feirantes e supermercados parece soar falso. No fundo o problema é outro. A falta de consciência dos consumidores e até mesmo dos feirantes é o problema mais sério. Consumir de forma consciente, pelo direito de bem se alimentar ou pelo direito de produzir alimentos, sem necessariamente ser intermediado por uma grande indústria e depois por uma grande rede de supermercados é condição elementar para o desenvolvimento das economias locais. Produzir e transformar os alimentos no próprio município e até consumir grande parte deles são fundamentos do desenvolvimento, especialmente do campo, por traduzir-se em segurança alimentar e autonomia frente ao grande capital. Este

movimento é alimento também para o desenvolvimento do conhecimento, necessário para recriar mecanismos, tecnologias, espaços, relações etc.

4.1 - Organização dos horários e local proposto para a sociedade

A feira precisa proporcionar horários que toda a população possa participar.

A feira funcionando aos sábados pela manhã,... pois era o momento que estava em casa e tendo tempo para visitar à mesma e adquirir os produtos desejados. (Sandra Zezinho Coelho, 13/03/07)

Gostaríamos que além dos sábados pela manhã, tivesse à feira em mais momentos da semana, justifico isso porque assim sendo, teríamos frutas legumes e verduras fresquinhas e saudáveis para a semana. João Carlos de Melo, 14/01/07)

Certamente faz-se necessário discutir os dias e horários das feiras pensando na sociedade em geral, não ficando atrelada aos horários dos funcionários públicos. Os consumidores preferem o sábado de manhã e se possível em mais um dia da semana. Portanto, neste aspecto a feira de Candói atendia a esta necessidade. Mesmo sendo sábado, a feira não alcançaria a sociedade na sua totalidade.

Referindo-nos à organicidade, enquanto o local e a estrutura física para a realização da feira, alguns dos entrevistados apontam indignações, porém outros fazem afirmações favoráveis.

As barracas eram feitas de costaneira, uma ao lado da outra, somente a parte da frente das barracas possibilitava o acesso. A estrutura dificultava visualizar, manusear e escolher os alimentos, sendo que muitos ficavam no chão e dentro das caixas. Os consumidores não sabiam que poderiam encontrar na feira alimentos que estavam pouco expostos. Muitos alimentos ficavam expostos ao sol, ao vento e à poeira.

Quanto ao local da feira, os consumidores acharam impróprio. Inicialmente, ela foi montada juntamente com uma borracharia, posto de gasolina e ao lado da polícia militar, onde possuía um depósito de carros batidos, tornando-se depósito de entulhos, e a feira ficaria no meio desse ambiente, podendo conter contaminação por resíduos. O local era pouco movimentado, a rua de chão batido. Havia muito pó e, quando chovia, o barro atrapalhava o acesso e a realização da feira. Não tinha água, banheiros. Utilizavam-se os banheiros e a água do posto de combustível e também da delegacia da polícia militar.

Porém, alguns envolvidos na feira consideravam o local favorável à época, onde as dificuldades e limitações ao iniciar um processo eram grandes. A efetivação da feira envolveu muitas pessoas, que acreditaram no espaço da feira como sendo uma alternativa para as famílias agricultoras e para as consumidoras. Os alimentos produzidos fazem parte dos hábitos culturais da população, proporcionando mais diversificação e saúde.

No meu ponto de vista, a organização estava dentro das limitações que são enfrentadas ao iniciar uma feira livre, apesar de que, o local era em uma rua de pouco acesso e de chão de terra. Com pouco espaço, muitos produtos ficando ao chão, não sendo visualizados. (João Carlos de Mello, 14/01/07)

Lugar sem sombra, o produto ficava exposto ao sol, vento e chuva, não oferecendo condições inclusive de higiene. O local em uma rua de terra, junto a uma borracharia onde continham pneus expostos ao tempo, podendo conter resíduos de contaminação. (Inedite Inês Mathias, 21/02/07)

A organização estava nas condições e limitações dada aos participantes, sendo que, estava instalada próxima a uma via rápida, no qual dificultava as pessoas de levar seus filhos menores na feira. Pouco espaço, acesso era somente à frente das barracas, e próximo a uma borracharia onde tinha resíduos com pneus de entulho. (Sandra Zezinho Coelho, 13/03/07)



Na maioria das vezes, os consumidores estão acostumados ao consumo de produtos alimentares oriundos do mercado convencional, embalados como mercadorias padronizadas. O consumidor não consegue em pouco tempo se desvincular desse hábito imposto pelo comércio capitalista.

A mudança deste comportamento exige argumentações convincentes, entre as quais o desejo de ter uma boa saúde. Portanto, faltam informações para a sociedade da qualidade dos produtos oriundos do campo. O consumidor também espera ao procurar o que desejam, ser bem atendido em suas expectativas, com criatividade e interesse para serem despertados a realizarem mudanças nos seus hábitos alimentares.

Os consumidores falam que a feira deveria acontecer em um lugar aconchegante, com produtos organizados e com boas condições de higiene. Isto

tudo poderia ser realizado dentro de um barracão rústico. Teria artesanatos, produtos diversificados e tudo que retrata o campesinato.

Com estrutura para alimentação, onde pudéssemos tomar o café da manhã com nossa família e que encontrássemos, suco de cana (garapa), sucos naturais, licores de vários sabores, enfim, tudo que os produtores feirantes sabem fazer. Também um parque ecológico para as crianças brincarem enquanto efetuamos nossas compras. (João Carlos de Mello 14/01/07)

Onde tivéssemos local da degustação, também opções de erva mate, com amostragem de chimarrão. Que tivesse um parque ecológico com muitas árvores, sendo assim possibilitaria as famílias levarem seus filhos para participarem e criando laços de convivência do que é uma feira livre. (Inedite Inês Mathias - 21/02/07)

... Ter lugares reservados para conversas entre amigos com roda de chimarrão debaixo da sombra. (Sandra Zezinho Coelho 13/03/07)

Como a feira poderá propiciar espaço de troca de saberes, momentos de lazer, ser espaço de cultura, de humanização de sujeitos e de livre comércio? Um projeto assim só poderia ser construído no coletivo. Aqui reside o limite da maioria das administrações municipais. Romper com o clientelismo e o paternalismo não é coisa para os governos fazerem sozinhos, é preciso um grupo organizado que tenciona e que visualizam a possibilidade de conquistas de espaços de participação e de reflexão. Debate semelhante se dá no aspecto da comercialização, historicamente realizada por comerciantes e não por agricultores. A relação entre produtor e consumidor precisa ser construída se quisermos humanizar, emancipar e dar a comercialização de alimento um novo contexto.

5 - A PERCEPÇÃO DO GESTOR PÚBLICO

A feira de Candói partiu da idéia dos gestores públicos. Foram feitos levantamentos de dados com fixas cadastrais para saber quem seriam os produtores que tinham ligações com plantio de frutas, verduras e legumes. Estes foram convidados para fazer parte da feira livre e entregar para merenda escolar.

A luta constante para construir políticas públicas, na necessidade que os camponeses enfrentam, é uma ardua luta junto aos gestores públicos.

Conforme Silva (2006)1994apud SILVA, 2006, p.75) diz ser:

As políticas públicas podem ser agrupadas em três grandes seguimentos: a) políticas econômicas, incluindo aqui as políticas cambial, financeira e tributária; b) políticas sociais, englobando as políticas de educação, saúde e previdência; e c) políticas territoriais, que compreendem políticas de meio ambiente, urbanização regionalização e de transportes. (SILVA, 2006, p.75 apud MORAES, 1994)

A agricultura familiar, na defesa de seus interesses enquanto política pública e no âmbito dos direitos sociais, busca o desenvolvimento local e perpassa a construção de interesses comuns.

Tomamos como exemplo a política adotada pela prefeitura de Belo Horizonte, que tomou como medida garantir alimentação aos sujeitos com carência. Sujeitos esses considerados abaixo da linha de pobreza sendo que o desemprego fazia parte desta situação.

... garantir alimentação para essa população era algo fundamental para a implementação de toda a política pública desejada, uma vez que cerca de 400 mil pessoas no município tinham algum tipo de déficit alimentar, o que prejudicava as ações, especialmente nos campos da saúde e educação. Convênios foram firmados para mudar a merenda, acrescentando-lhe alimentos perecíveis como frutas, verduras e carnes; foram regionalizadas as compras, de modo a aumentar a geração de emprego e renda dos produtores locais. Vários projetos foram criados, alicerçados nessa visão de combate à fome, como o Comboio do Trabalhador, o Projeto Abastecer, o Cestão Popular (por meio do qual se iniciaram a compra e a venda de produtos com pequena margem de subsídio), os Centros de Vivência Agroecológica (onde se formou um espaço comunitário para produção, reprodução e distribuição de mudas e sementes), o Projeto Direto da Roça (reorganizando a produção de alimentos e realizando atividades de regulação do mercado) e o Restaurante Popular que oferecia um cardápio completo com balanceamento nutricional com preço acessível. (SILVA, 2006, p.84)

Na criação de uma feira e de outros espaços como os citados acima, os produtores nem sempre são participantes das discussões de implantação; são geralmente – produtores e consumidores - considerados recebedores de benefícios. No entanto, o que falta - diálogo e a cooperação - é fundamental para avançarmos politicamente com estas propostas.

As feiras se colocam na perspectiva de construir novas relações entre o produtor e o consumidor. **Relações mais justas, promotoras da produção de Produtos Ecológicos, que melhoram a vida das pessoas e da natureza.** Além de complementar a renda da família, elas criam um espaço de participação coletiva e de implementação de mudanças significativas na propriedade e na lógica da organização do trabalho. (ASSESOAR, CARTILHA, 2002)

Trabalhamos com cadastro e com pesquisas para sabermos quem produzia hortifrutigranjeiro (...) e logo após efetuar o convite para participar da feira e para entregar alimentos para merenda escolar. (Engenheiro Agrônomo Vânia L. S. F. Santos 08/03/07)

Foram feitos estudos prévios a pedido do Prefeito Municipal para saber qual a demanda da região. Os levantamentos foram efetuados pela coordenação da Casa Familiar Rural (CFR) com a ajuda dos alunos.

Estudos prévios foram realizados pela casa Familiar Rural (...) feito através da ajuda dos alunos que estudariam na instituição da CFR, levando a proposta para seus familiares... (Secretario de Agricultura Odacir L. Ghisleni, 27/04/07)

O Técnico Agrícola que acompanhava a feira nos conta que foi determinado que fosse criada a feira dos produtores, fazendo levantamentos com alguns produtores da vontade de participar e quais os produtos disponíveis.

Foi determinação política (...) em seguida feitos levantamentos com alguns agricultores em saber se estariam interessados em participar da feira... (Técnico Agrícola e Coordenador da CFR. Joécio Rufatto Dutra, 14/05/07)

Ao lançar a idéia da realização da feira de produtores rurais, “de cima para baixo”, fez-se apenas o levantamento na ficha cadastral e não se articularam reuniões coletivas entre os produtores da comunidade.

Foi às pressas para se cumprir promessas de campanha e a feira foi uma das promessas eleitorais do gestor público do ano de 2001. Portanto, a feira tinha que se efetuar, no contexto eleitoral, com a construção de um projeto", "ESBOÇO" elaborado pelo engenheiro agrônomo da secretaria de agricultura. Apesar de que, não deixaria de ser uma excelente oportunidade para os produtores desde que, as feiras fossem espaços com alternativas de comercialização onde consumidores encontrassem alimentos saudáveis com inúmeras vantagens nutricionais. (Vânia L.F.dos Santos)

Os políticos estão inseridos nos espaços das relações sociais, articulando as conquistas humanas, determinando condições nas perspectivas que desejam, nas quais o homem faz sua história, mas em condições dadas. (DEMO, 1991, p. 16)

A melhor farsa é a aparência da participação e conquistando a confiança da esperança popular. Sendo assim, promover e propiciar o assistencialismo é uma prática corriqueira e mesmo que uma ação não resolva os problemas transmite a compreensão que promessas foram cumpridas. "Quando o Estado anuncia participação, é de se desconfiar, pois deve vir uma proposta aparentemente avançada, mas no fundo desmobilizante. Nem é propriamente uma perversidade, mas a lógica dinâmica do poder". (DEMO, 1991, p. 17 apud BORDENAVE E CARVALHO, 1980)

A feira livre se configurava como política pública estrutural ou como projetos compensatórios?

A intenção era beneficiar os feirantes e os consumidores, com preços abaixo do mercado tradicional. A feira foi elemento da campanha eleitoral e, portanto, tinha que acontecer. Fora os elementos de cunho político, a feira justificava-se. Havia intenções de proporcionar mais uma alternativa de renda para os produtores camponeses. Apesar de que foram poucos os interessados em assumir este compromisso a partir do processo de feira.

Em relação aos gestores públicos, as intencionalidades deveriam criar e desenvolver projetos, nos quais beneficiam os agricultores, sem terem intermediários na comercialização, tendo relações diretas do agricultor para o consumidor final, com o preço menor, levando em consideração que será mais uma alternativa de renda familiar e também beneficiar a população com alimentos de qualidade.

As falas seguintes dão conta deste contexto:

estariam destinados a dar suportes aos feirantes e quem fazia os acompanhamentos eram os técnicos da C.F.R., com a parte pedagógica.



A administração, ao propor a realização da feira aos produtores camponeses, fez uma pesquisa rápida e um breve ao plano de ação, buscando encontrar entre os camponeses os produtos que já existiam. Este trabalho foi feito pelos componentes da Secretaria da Agricultura. Isto demonstra que tanto o técnico agrícola quanto o engenheiro agrônomo faziam parte da organização inicial da feira.

Existe um problema cultural, sendo que os filhos dos feirantes que estudavam na C.F.R., participariam da feira, porém, detectamos que os alunos, filhos dos camponeses não demonstraram interesse pela feira, sendo assim, dificultando o andamento da feira que é preciso ser visto como logística. A C.F.R. dispunha de dois técnicos agrícola para acompanhamento e verbas alcançadas. Por fim, havia a disponibilidade do carro da secretária da agricultura para acompanhar os feirantes que necessitam de transporte. (Odacir L. Ghisleni 27/04/2007)

Em relação ao acompanhamento técnico, se deu no início na efetivação da feira, enquanto estava na secretária da agricultura, por fim, fui convidado para assumir a C.F.R, e nesse momento distanciei-me da feira e do seu processo. O carro da Casa Familiar Rural estava disponível para apanhar os feirantes aos sábados para trazer seus produtos. (Joécio Rufatto Dutra, 14/05/07)

Devemos ressaltar que no período da elaboração do projeto - "ESBOÇO" - da Feira dos Produtores Rurais de Condói, tanto o Técnico Agrícola Joécio R. Dutra quanto o Engenheiro Agrônomo Vânia S. F. dos Santos ainda efetuavam trabalhos no Departamento da Secretaria de Agricultura. Portanto, parece haver uma dupla interpretação sobre as responsabilidades pelo acompanhamento aos feirantes, ou seja, se da prefeitura ou da C.F.R.



ESBOÇO

FEIRA DE PRODUTORES

- 1- LEVANTAMENTO DOS PRODUTOS DISPONÍVEIS.
- 2- LEVANTAMENTO DE PRODUTORES DISPONÍVEIS.
- 3- QUAIS OS PRODUTOS QUE PRODUZIRÁ NA SEQUÊNCIA?
- 4- NÚMERO DE FEIRAS (UMA VEZ POR SEMANA)
- 5- LOCAL
- 6- FORMA DE MONTAGEM DA ESTRUTURA NECESSÁRIA.



LEI COMPLEMENTAR Nº 4/75
DECRETO Nº 3641/77

DAS FEIRAS LIVRES

Art. 110 – As bancas somente poderão funcionar após vistoria e concessão da respectiva licença sanitária.

Art. 111 – Todas as bancas deverão ser pintadas com tinta que facilite a limpeza com água.

Art. 112 – As bancas deverão ser providas de cobertura para proteção dos gêneros alimentícios contra os raios solares.

Art. 113 – Nenhum produto poderá ser exposto a venda colocado diretamente sobre o solo.

Art. 114 – Quando se tratar de produtos perecíveis, deverão os mesmos ser conservados em balcões frigoríficos.

Art. 115 – Todas as bancas ficam obrigadas ao uso de coletores de lixo com tampa à prova de moscas.

Ao resgatarmos arquivo existente, no qual foram elaborados para a feira de Candói, no ano de 2001, revelou-se que a feira necessitava de projetos mais completos, que poderiam ter sido elaborados no coletivo, com participação dos camponeses interessados, com pesquisas, assembléias, debates, porque todo plano elaborado coletivamente propicia a responsabilidade, comprometimento, e motivação dos sujeitos envolvidos no processo em construção. Os documentos não conseguem registrar esta participação.

5.2 - Incentivos técnicos

A prefeitura disponibilizou a estrutura física e o local para as barracas, fazia a divulgação com carro de som e na Rádio Comunitária que o município dispunha.

A divulgação era feita com Carro de Som, através do departamento de cultura que disponibilizou seu carro. Também através da Rádio Comunitária e a estrutura física com barracas. Os banheiros e a água poderiam ser utilizados no posto de combustível e da polícia militar que ficariam bem próximo às instalações da feira. (Vânia L. S. F. dos Santos 08/03/2007)
O incentivo se deu com logística, divulgação, foguetes, estrutura das barracas, transportes, assistência técnica, repasses destinado para C.F. R com projetos, adubos, sementes e materiais para construir duas estufas. (Odacir L. Ghislani, 27/04/2007)

O técnico agrícola, que assumiu a coordenação da C.F.R. nos relata que *“faltou apoio técnico no processo da feira, porém, também faltou empenho dos produtores feirantes, sendo que os feirantes estariam desmotivados, as estruturas não estando compatível para trabalhar dignamente. Os feirantes não se organizavam entre eles, e tudo era individual e esperavam que o poder público tomasse decisões por eles, e nessas condições à feira durou pouco.”*

Não pediram nenhum tipo de formação, cursos ou organização como assembleias (...) não souberam aproveitar os momentos em poderiam aprender na teoria para efetuar na prática. Apenas um dos produtores gostaria de criar o selo ou etiqueta para colocar nos produtos de morango. (Vânia L.S.F. dos Santos 08/03/2007)
 Não proporcionamos nenhum tipo de formação para os feirantes. (Odacir L. Ghisleni 27/04/2007)

Assim, consta-se a importância de ter pessoas preparadas, lideranças que articulem propostas de formação e gestores sensíveis a estas proposições, tendo um olhar na questão cultural dos sujeitos da sociedade, fazendo avaliações e pesquisas sobre comercialização e consumo, qualidade dos alimentos, etc. Desta forma, o Estado não conseguiu mobilizar os feirantes para a necessidade de formação.

Faltou planejamento, a realização da feira livre foi precipitada, não tendo pesquisa com a comunidade, também não foi proporcionado aos camponeses feirantes qualquer tipo de preparo, com cursos, palestras, discussões, assembleias. Não tendo nenhum tipo de análise ou pesquisa prévia quanto à cultura alimentar da sociedade. Não tendo preparo quanto à qualidade dos alimentos expostos à feira para manter a qualidade e a aparência dos produtos, também na diversidade dos mesmos. Enfim, a falta de coletividade, com comprometimento e organicidade entre as partes envolvidas, faltando a consciência e espírito de empreendedor, com investimento para então adquirir retorno do investimento executado. (Joécio Rufato Dutra, 14/05/2007)

Ao realizar as feiras livres envolvendo pessoas de várias comunidades, é de fundamental importância que as organizações e movimentos sociais estejam inseridos neste processo.

É dentro de uma visão organizativa e coletiva que projetos como de feiras livres podem desenvolver formas e estratégias de desenvolvimento social para a comunidade e das famílias camponesas.

Apesar de que nem um tipo de envolvimento das organizações da agricultura aconteceu no projeto da feira.

... O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Candói nunca se envolveu com o projeto da feira, não existindo interação entre sindicato e gestor público (...) somente os feirantes isoladamente ingressaram na feira. (Vânia L. S. F. dos Santos, 08/03/2007)

Não houve participação do Sindicato, nos imaginávamos que teria os grupos fechados pelos alunos da C.F.R. (Casa Familiar Rural) onde envolveria 52 famílias. Mas nossa estratégia deu errada. (Odacir L. Ghisleni, 27/04/2007)

Nessa época o Sindicato estaria iniciando sua organização, sendo que nem um outro movimento se envolveu. (Joélcio Rufatto Dutra, 14/05/2007)

Um projeto de feira vai para além da comercialização. São vários os fatores que influenciam na concepção do projeto. As pesquisas e planejamento realizado, a participação dos camponeses, dos consumidores, dos movimentos sociais, dos gestores públicos, das equipes técnicas e das secretarias municipais, a realização de reuniões, debates, assembléias, palestras, cursos de formação e comprometimento são metodologias que dependem muito da concepção de desenvolvimento trabalhada.

Os produtores feirantes devem estar preparados para assumir o projeto da feira livre, no âmbito da sazonalidade, na análise do potencial de consumo, na potencialidade da produção em relação à diversidade, tendo em vista que esse é um processo de desenvolvimento.

... Os produtores não estavam preparados para assumir a feira, em relação à sazonalidade, comprometimento, organicidade, não ocorreu o processo de construção, elaboração do projeto da feira. (Vânia L. S. F. dos Santos, 08/03/2007)

Os problemas de comercialização, a concorrência dos mercados tradicionais, a não resistência dos feirantes diante das dificuldades encontradas. (Odacir L. Ghisleni, 27/04/2007)

Falta de pesquisa e planejamento no processo do projeto, sendo precipitada a decisão para a realização, não tendo pesquisa previa e também não ocorreu formação. (Joélcio Rufatto Dutra, 14/05/2007)

6 - A PERCEPÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM PROL DOS AGRICULTORES

Os movimentos sociais, com lutas constantes e contínuas, propiciam que grupos se organizem e busquem autonomia. As feiras livres municipais nem sempre contam com instituições com esta perspectiva, sobressaindo-se, portanto, as estratégias produtivas, mas que não ganham à expressão política organizativa e por vezes inviabilizam o produtivo.

O STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), sendo uma instituição representativa dos agricultores e que tem por função mobilizar a partir de uma identidade de classe, deveria ter sido parte integrante no processo de construção da feira livre como tantos outros movimentos. Nem a prefeitura os convidou, nem os feirantes viram nesta organização suas representações diretas.

Os sindicatos, por sua vez, seguem executando as mesmas funções ou tarefas e não conseguem definir uma política de atuação que os afastem da mera luta econômica, apesar de algumas vezes realizarem lutas de caráter político. Muitos sindicatos só conseguem respirar, mostrar que estão vivos, de campanha salarial em campanha salarial. Carregam consigo, ainda, o fantasma do paradigma da produção, da superestrutura como determina ou mero reflexo da infra-estrutura. (Bogo, 1999, p. 18)

O sindicato dos trabalhadores Rurais de Candói, nasce entre 1996 a 1998 e enquanto Sindicato estava fragilizado, não tínhamos debate concreto, não ocorrendo envolvimento da organização na feira. Os agricultores em 2001 estavam com pouco amadurecimento, não se envolvendo na amplitude de luta e a feira nasceu do interesse político, não partindo dos produtores rurais feirantes, (...) teria uma outra proposta se o coletivo estivesse envolvido no processo do Projeto. (Jorge de Jesus Lopes - Presidente do STR, 27/04/07)

Os órgãos públicos possuem programas e cada um com determinados interesses. Isto acaba definindo pessoas, local, enfim, quem vai ser contemplado como uma parte dos recursos. Nem sempre isto representa os anseios da maioria, prevalecendo interesses de caráter individualizados, alegando dificuldades em processos coletivos. As políticas públicas que tratam das questões sociais nem sempre conseguem gerar autonomia e discussão coletiva, envolvimento, elaboração, responsabilidade e compromisso. Muito ainda se pode fazer para que os sujeitos da sociedade tenham estas oportunidades. A feira é um dos lugares privilegiados para se fazer isto.

É preciso mobilizar as classes, de onde vêm a maior força de transformação e movimento. Se ganha, assim, amplitude e totalidade na luta. Pode-se dizer que somente com organização as conquistadas são duradouras.

O pequeno camponês isolado dos movimentos vive em um mundo fechado e no individualismo e não avança nas conquistas.

Não é exagero afirmar que o traço mais profundo da pobreza política de um povo seja a falta de organização da sociedade civil, sobretudo frente ao Estado e às oligarquias econômicas. Uma sociedade desorganizada não chega a constituir-se como povo consciente e capaz de conquistar espaço próprio de auto-sustentação na história, ao contrário, caracteriza-se como massa de manobra. (DEMO, 1991, p.19)

Quando Pedro Demo faz suas considerações em relação à falta de organicidade e tomada de consciência, sugere que muitas vezes o povo participa inconscientemente das manipulações elaboradas pelo grupo que tem intencionalidade de adentrar e manobrar os sujeitos que estão desorientados, desinformados e desorganizados.

No âmbito do processo de envolvimento na feira, os participantes se identificam nesta desorganização social. Não estavam conscientes de que a organização enquanto feirantes, seria importante para superar as dificuldades e angústias. Não estavam suficientemente preparados para assumir tal busca de autonomia.

Não se criou momentos de reunião dos feirantes, de onde de levantaríamos sugestões e questionamentos, avaliações positivas e negativas. O presente estudo fica restrito a este caso ocorrido no município de Candói, mas certamente em tantos outros lugares as feiras apresentam o mesmo problema da falta de protagonismo por parte dos envolvidos. Se ressentem da falta de um processo que partisse da base, que oportunizasse aos produtores ser parte do processo de construção, juntamente com os gestores públicos; sendo assim, obteríamos problemas mais desafiadores para as nossas reflexões.

Para a Educação do Campo é necessária a construção da organização popular, com embasamento, orientação política e métodos para as feiras, sendo essa uma ação efetivamente transformadora das práticas sociais.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, nas suas formações e reuniões, procura desenvolver atividades as quais proporcionam aos associados atitudes conscientes de trabalho com a terra e os cuidados necessários para uma atividade

agrícola saudável, sem prejuízos ao ambiente e ao homem. Uma dessas atividades é com relação à agroecologia. O objetivo é provocar reflexões sobre os sentidos da vida para nossas famílias, comunidades, municípios e para o povo como um todo. "A terra tem por obrigação cumprir a função social porque é dela que teremos todos os alimentos, os minérios, e todos os tipos de ervas para produzir remédios." (BOGO, 1999, p.69)

Assim, podemos ressaltar que quando os pequenos agricultores unem forças através de entidades ligadas aos movimentos sociais realizam grandes trabalhos, somam conhecimentos, constroem processos emancipadores e novas culturas.

Na visão do sindicato, faltou à feira interação entre as partes envolvidas. Outro fator que impediu o sucesso da feira foi a não realização de discussões nas comunidades para saber qual era o posicionamento dos camponeses em relação a esse novo ramo de atividade.

Porém, se feito todo um trabalho de base envolvendo a comunidade e trazendo o consumidor a perceber que os alimentos levados à mesa de sua família têm qualidade, livre de qualquer agrotóxico, podemos então pensar em um mercado solidário com inúmeras vantagens e o consumidor permanecerá adquirindo produtos alimentares saudáveis. (Presidente do STR. Jorge J. Lopes) 27/04/07.



Faltou, também, qualificar lideranças nas comunidades para que articulassem organizações e possibilitassem que os camponeses participassem da feira livre.

Outra estratégia fundamental é que a feira esteja sempre aberta à comunidade para constantes inovações, para que assim a população esteja sempre estimulada a participar desse evento de cultura e troca de conhecimento.

É de fundamental importância que haja comprometimento por parte de todos que estejam dispostos em enfrentar novas possibilidades e conquistas em cada desafio proposto. (Jorge I. Lopes 27/04/2007)

Portanto, é de extrema importância que os movimentos sociais façam parte e ingressem em projetos que propiciem alternativas de desenvolvimento sustentável, produção de comida saudável para alimentar o povo, respeitando quem produz e quem consome assim como a própria terra. “Tendo em vista que a produção no campo fornecera alimentos de qualidade e frescos, com quantidade suficiente aos brasileiros, e não apenas grãos para exportação que serve unicamente para alimentar gado e aves nos países ricos”. (Jornal Brasil Fato Especial - abril de 2007. p.3)

Devemos levar em consideração os conhecimentos históricos e lutar para que empresas químicas e privadas não se apropriem dos saberes popular. É sua produção feita com organização e que beneficie os produtores camponeses, com projetos de desenvolvimento. (Jornal dos trabalhadores Sem Terra, junho de 2007, p.2)

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo para dar continuidade à luta...

Neste início de conclusões considero as reflexões apontadas nesse processo em pesquisa - na qual a instituição pública de ensino superior me proporcionou este desafio - como a expressão do que vem guiando as relações e as práticas dos sujeitos do campo envolvidos nesta pesquisa, ou seja, famílias camponesas com os consumidores, funcionários públicos da agricultura, juntamente com a administração pública e com a representatividade dos movimentos sociais como um processo histórico de dependência, no desenvolvimento das sociedades.

Acredito que este processo conflituoso da feira, não foi capaz de proporcionar avanços para um desenvolvimento local, no âmbito social, educacional e da sustentabilidade. Os sujeitos envolvidos não se mostraram capazes de fazer o debate da realidade, de provocar a reflexão sobre os problemas ocorridos; desta forma, deixaram escapar uma oportunidade de produção de novos conhecimentos necessários para superar os problemas e sustentar o espaço da feira. Toda a iniciativa social é, por essência, conflituosa e a existência de problemas é inerente a todo processo. O que faz a diferença é a capacidade de reflexão sobre as práticas realizadas - elemento definidor de continuidade das dinâmicas sociais.

Assim sendo, estudar os aspectos que impedem o desenvolvimento de projetos que buscam o crescimento dos sujeitos se faz necessário para entender como os processos de construção da cidadania são abordados na caminhada. Entende-se que as feiras livres são, de certa forma, um meio de os sujeitos expressarem suas formas de trabalho, cultura e organização social extremamente válida.

No contexto histórico do ano de 2001, o projeto de Feira Livre se apresentou com uma proposta de integração dos pares que vivem em contextos diferenciados, podendo, assim, como uma alternativa, trazer a feira livre como forma de cultura e desenvolvimento sustentável para as famílias camponesas e uma relação mais saudável das famílias urbanas, através da alimentação de qualidade, produtos diversificados, possibilitando espaços de humanização, troca de experiências, autonomia, gerando conhecimento, e criando relações entre os sujeitos.

Partindo do pressuposto original da proposta da feira livre, podemos avaliar que este projeto não obteve sucesso em virtude da sua forma de construção. Considera-se que a Educação do Campo nos mostra caminhos relevantes para entendermos o processo de realização de feiras como sendo uma trajetória que partilha do coletivo, da troca de conhecimentos, da relação entre os sujeitos e a aprendizagem, os avanços, as superações dos desafios enfrentados.

Neste contexto, a realização da feira estudada não atingiu as expectativas desejadas em relação às perspectivas da Educação do Campo. Dessa forma, a feira livre se torna um projeto inviável. Podemos relatar que, através da pesquisa, foi possível fazer uma análise mais precisa em relação às intencionalidades da proposta lançada aos sujeitos envolvidos neste processo.

Teremos que nos mobilizar e chamar as instituições que fazem relações com os movimentos sociais para o entendimento da sociedade sobre a problemática dos alimentos – contaminações por agrotóxicos, baixo valor nutritivo dos alimentos da agricultura convencional. Com isso, podem-se desenvolver trabalhos educativos, trazendo aos consumidores informações sobre a produção e o mercado, como trabalho contínuo, inserindo novos participantes que buscam alimentos fora dos mercados de relações capitalistas.

Ao realizar feiras livre é necessário que as pessoas envolvidas diretamente ou indiretamente busquem formação, com possibilidades de aperfeiçoamento, oficinas de reflexões, avaliações e trocas de experiências.

A Feira Livre de Candói, iniciativa que fracassou com menos de um ano de existência, revelou concepções de desenvolvimento atreladas ao clientelismo do governo e uma concepção de desenvolvimento economicista, que se afasta muito de um projeto popular de desenvolvimento com geração de conhecimento e autonomia. A formação humana na perspectiva da Educação do Campo nos traz fundamentos capazes de repensar e recalar outras perspectivas para as feiras livres.

Concluimos que as dificuldades encontradas pelos feirantes e também pelos consumidores devem-se às concepções simplistas de que a feira livre é somente um espaço de comercialização direta ao consumidor. Ainda que a comercialização direta seja algo muito importante de ser buscado, um olhar um pouco mais complexo revelaria ainda outros propósitos tão importantes quando a comercialização direta, como a geração de novos conhecimentos e o fortalecimento de um espaço de articulação e de proposição de políticas públicas que fortalecem a organização dos

feirantes e sua relação com os consumidores. Estas concepções sobre feira não foi percebida nas narrativas coletadas, o que revela um esforço a ser feito na construção de novos espaços público de comercialização.

Está, também, na raiz dos problemas a falta de uma política pública duradoura e a falta de estratégias que considerem os/as feirantes como sujeitos na proposta, dado que no caso estudado a feira não foi concebida pelos feirantes.

A hipótese de que faltou organicidade por parte dos feirantes frente à proposição da feira se confirma, da mesma forma os consumidores resistem a um contato mais direto com os produtores e seus produtos, que carregam consigo uma diversidade cultural e de características diversas, preferindo muitas vezes encontrar tudo nos supermercados.

A participação e a responsabilidade das entidades dos agricultores também não se fizeram presente neste espaço, o que seria de fundamental importância, dada a sua representação nos processos de luta, ajudando a refletir os caminhos percorridos pela agricultura familiar.

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO ASSESOAR, documentos em Construção, 2007.

AGROECOLOGIA, **Agricultura Familiar**. Ano VI – nº 5 – Setembro de 2003.

AGROECOLOGIA, **A organização camponesa reconstruindo o sustento da vida e a transformação da sociedade**. Jornada de agroecologia 5º Encontro Estadual – Paraná – Brasil. Centro de Eventos de Cascavel – PR de 07 a 10 de junho de 2006. Ed. Gráfica Popular.

ARROYO, **Seminário**, Pós Graduação em Educação do Campo. Curitiba. 2007.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo Cortez, 1991.

BURG, Inês Claudete. **As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na comercialização em feiras no sudoeste paranaense**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, 2005.

CAMBOTA, revista ASSESOAR. **Garantir a reprodução da vida**. Ano XXX – nº. 254, abril 2004.

CARTILHA, Rede Ecovida de Agroecologia. **Alimentos Ecológicos**, 2001.

CARTILHA, Informativa ASSESOAR. **É Tempo de Reconstruir Horizontes: A novidade não está só naquilo que fazendo, mas no jeito e no por que fazemos**. Francisco Beltrão-PR. 2002.

DEMO, Pedro. **Pobreza política**. Campinas, 5ª Edição. Editora Vozes, 1995.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade/ Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz. Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o trabalho e o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. In: MARX, Karl & Engeles, Friedrich. **Obras Escolhidas**. Volume 2. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

JORNADA DA AGROECOLOGIA, 3º Encontro Estadual – Paraná – Brasil. Centro de Eventos de Ponta Grossa – PR de 12 a 15 de maio de 2004. Material para pesquisas e estudos. Ed. Gráfica Popular.

JORNAL DOS TRABALHADORES RURAIS, Sem Terra. **Dois modelos de sociedade e Produção Agrícola**. Julho de 2007.

KARAN, K.F.; ZOLDAN, P. **Comercialização e consumo de produtos agroecológicos**. Florianópolis, Instituto CEPA/SC 2003.

KAUTSKY, Karl. **O camponês e a Indústria**. In: Kautsky, Karl. A questão agrária. Proposta Editorial, 1980.

KHATOUNIAN, Carlos Armênio. **A reconstrução ecológica da agricultura / C.A.** Botucatu-SP, IAPAR, 2001.

LUDKE, Menga e André, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: Abordagens quantitativas**. São Paulo: EPV, 1986. Apostila da Disciplina de Pesquisa 1. Professora Laura Ceretta Moreira, pela UFPR. Na Especialização da Educação do Campo.

MARX, Karl. **O trabalho alienado**. In: Marx, Karl. Manuscritos econômicos - filosóficos. Lisboa. Portugal. Edições 70, 1993.

MARX, Karl **relação da propriedade privada**. In: Marx, Karl. Manuscritos econômicos - filosóficos. Lisboa. Portugal. Edições 70, 1993.

Marx, Karl. **necessidades da produção e divisão do trabalho**. In: Marx, Karl. Manuscritos econômicos - filosóficos. Lisboa. Portugal. Edições 70, 1993.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Geografia contexto, 1997.

PISTRAK. **Fundamentos da escola do trabalho**. Ed. Expressão Popular, 4ª edição, 2005. São Paulo.

PRESVELOU, Clio; ALMEIDA, Francesca Rodrigues; ALMEIDA, Joaquim Anécio Organizadores. **Mulher, Família e Desenvolvimento Rural**. Santa Maria, RS: UFSM, 1996.

SEVILLA, Gusmão Eduardo, Manoel Gonzalez de Molina. **Sobre a evolução do concreto do campesinato**. Via Campesina do Brasil. São Paulo 3ª Edição. Expressão Popular, 2005.

SILVA, Christian Luiz da. **Desenvolvimento sustentável: um modelo analítico integrado e adaptativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ZAMBERLAM, Jurandir. ; FRONCHETI, Alceu. **Agricultura Ecológica: Preservação do Pequeno Agricultor e do Meio Ambiente**. Petrópolis, RJ, 2º edição, Vozes, 2001.

9 _ BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

REVISTA, Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre/ RS. Julho/Setembro de 2000.

CAMBOTA, revista ASSESOAR. A cooperação como método de reconstrução de vida com qualidade e dignidade. Ano XXVII – nº 249. 2000.

JORNAL BRASIL DE FATO. Contra o Desemprego e a Fome. Abril de 2007.

FRANÇA, Cássio Luiz de (Org). Comércio Ético e Solidário no Brasil. São Paulo. Fundação Friedrich Ebert / ILDES, 2003.

SOF, Sempreviva Organização Feminista. Agricultura na sociedade de mercado: as mulheres dizem não à tirania do livre comércio. São Paulo, 2006.

10 - ANEXOS E APÊNDICES

Anexo 1 - INSTRUMENTO GUIA DOS DIÁLOGOS

ENTREVISTAS REALIZADAS COM PRODUTORES FEIRANTES:

Data da entrevista: 07/12/2006

Município de Candói

Localidade de Cachoeira II

Entrevistado: Antônio Osmar Mulhembruch

Formação: 2^a Série do Primário

Função: Agricultor – Feirante

Data da entrevista: 28/11/2006

Município de Candói

Localidade de Cachoeira II

Entrevistado: Áudio Kavestzki

Formação: 4^a Série do Primário

Função: Agricultor – Feirante

Data da entrevista: 21/04/2007

Município de Candói

Localidade: São Roque

Entrevistado: Valmor Alves Ribeiro

Formação: 4^o Série

Função: Agricultor

- 1) O que fez para se tornar um feirante?
- 2) A família participava das atividades da produção?
- 3) De que formas eram planejadas as tarefas?
- 4) Quais os tipos de produtos produzidos em sua propriedade? Relate o volume de renda na feira.
- 5) Teve satisfação em participar da feira de produtores rurais?
- 6) Cite as dificuldades encontradas desde a abertura até o termino da feira.

7) **Relate se a organização da feira estava nas expectativas desejadas.**

8) **Faz parte de algum movimento social (organização)?**

ENTREVISTAS REALIZADAS COM ALGUNS CONSUMIDORES:

Data da entrevista: 21/02/2007

Município de Candói

Rua: João de Paula

Entrevistada: Inedite Inês Mathias

Formação: Magistério – CND e cursando CNS - Curso Normal Superior

Função: Professora

Data da entrevista: 13/03/07

Município de Candói

Rua: José Roberto Vieira nº.: 334

Entrevistada: Sandra Zezinho Coelho.

Formação: 2º grau e Curso Profissionalizante Técnica em Enfermagem, incompleto.

Função: Auxiliar de Serviços Gerais.

Data da entrevista: 14/01/07

Município de Candói

Rua: Agenor Mendes de Araújo.

Entrevistado: João Carlos de Mello.

Formação: 3º grau incompleto.

Função: Assessor Legislativo.

- 1) **Qual a sua opinião sobre a feira dos produtores que ocorreu em 2001 no município de Candói?**
- 2) **Tinha satisfação em consumir tais produtos da feira?**
- 3) **Na feira os produtos estavam adequados nos aspectos de qualidade e também do preço?**
- 4) **O dia em que era realizada a feira estava adequado em sua preferência?**
- 5) **Avaliação da feira enquanto a estrutura física, local e organizacional.**
- 6) **Aspectos positivos e negativos da feira?**

7) **Relate quais os produtos que você adquiria na feira.**

8) **Na sua visão como deveria ser uma feira?**

FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS DA SECRETARIA DE AGRICULTURA:

Data da entrevista: 08/03/07

Município de Candói.

R: Acir Araújo de Oliveira nº. 2460

Entrevistado: Vânia Lúcia S. Fogaça dos Santos

Formação: 3º grau. Engenheiro Agrônomo

Função: Engenheiro Agrônomo da Secretaria Municipal de Agricultura de Candói.

Data da entrevista: 27/04/07

Município de Candói.

Rua: AV Anízio Pedro da Luz.

Entrevistado: Odacir Luiz Ghisleni

Formação: Superior

Função: no ano de 2001 era Secretário de Agricultura da Prefeitura Municipal de Candói e Empresário.

Data da entrevista: 14/05/07

Município de Candói.

Rua: Sérgio Abreu de Oliveira

Entrevistado: Joelcio Rufato Dutra.

Formação: 3º grau. Matemática: Ensino de Matemática e Pós-graduação.

Função: Técnico Agropecuário, Coordenador da Casa Familiar Rural, professor, diretor auxiliar e agricultor.

- 1) **Foram realizados estudos para a implantação da feira de produtores rurais de Candói, no ano de 2001?**
- 2) **Quais as intencionalidades do governo municipal enquanto projeto de políticas públicas?**

- 3) Ocorreu acompanhamento técnico necessário para os produtores feirantes suprir suas angústias, e as dificuldades no decorrer do processo da feira dos produtores rurais de Candói, no ano de 2001?
- 4) Proporcionou incentivo aos feirantes, por parte da Secretaria Municipal de Agricultura? Ocorreu-se, quais foram?
- 5) Deu-se suporte da produção aos feirantes, estrutura física adequada, e organicidade, divulgação para os feirantes? Relate.
- 6) Enquanto funcionário público, teve questionamento das necessidades para formação dos feirantes, antes da realização concreta que é a feira como um todo?
- 7) Pensou-se em reunir as lideranças dos movimentos sociais, como por exemplo, o sindicato dos trabalhadores rurais, para fazer parte da feira dos produtores rurais de Candói?
- 8) Relate em relação à avaliação técnica da feira dos produtores rurais de Candói no ano de 2001.

REPRESENTANTE DA ORGANIZAÇÃO SINDICAL:

Data da entrevista: 27/04/07

Município de Candói.

Rua: Eugenio Bayer nº.: 600.

Entrevistado: Jorge de Jesus Lopes

Formação: 2º grau incompleto.

Função: Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, coordenador da FETRAF-Sul e agricultor familiar.

- 1) Quanto tempo foi presidente do sindicato? Antes de ser presidente qual era sua função na instituição?
- 2) Quantos anos têm o sindicato de Candói? Qual a linha de trabalho que o sindicato desenvolvia na sua totalidade?
- 3) Em Candói, quais as atividades desenvolvidas nas pequenas propriedades, especificadas as dos camponeses, que o sindicato participava ou desenvolvia?

- 4) Como foi a atuação e a organização do sindicato, na implantação da feira de 2001?
- 5) Qual sua opinião sobre a feira dos produtores rurais de Candói.
 - a) Aspecto positivo
 - b) Aspecto negativo
- 6) Porque a feira de Candói não prosperou? O que deveria ter feito para que a mesma tivesse continuidade?
- 7) Ocorreu dialogo entre o sindicato e gestor da secretaria de agricultura de Candói, para buscar algumas alternativas, para somar os resultados buscados e lançados para a feira?
- 8) Em sua opinião como deveria ser uma feira livre, na sua totalidade?

Anexo – 2 Esboço do Projeto da Feira Livre de 2001 e Lei

ESBOÇO

FEIRA DE PRODUTORES

- 1- LEVANTAMENTO DOS PRODUTOS DISPONÍVEIS.
- 2- LEVANTAMENTO DE PRODUTORES DISPONÍVEIS.
- 3- QUAIS OS PRODUTOS QUE PRODUZIRÁ NA SEQUÊNCIA?
- 4- NÚMERO DE FEIRAS (UMA VEZ POR SEMANA)
- 5- LOCAL
- 6- FORMA DE MONTAGEM DA ESTRUTURA NECESSÁRIA.



4

-

22

$\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} \times \frac{1}{2}$
 $\frac{1}{8}$

6)	Esmael Muzzolon	824.22	
7)	Eva Maria Verissimo	440.32	
8)	Irineu Bodemar	758.54	
9)	João Maria Costa	539.42	
10)	Luiz Gurnaski	827.94	
11)	Luiz Meneguel	748.02	
12)	Luis Rezenck	827.94	
13)	Marcos Fernando Verrissimo	96.00	
14)	Maria Helena B Muzzolon	758.54	
15)	Maria Izabel de Matos Cordeiro	826.32	
16)	Milton Campos	824.22	
17)	Moacir Gaio	788.34	
18)	Nilson Antonio de Campos	788.34	
19)	Oswaldo Porenski	731.94	
20)	Otto Alberto Elms	815.82	
21)	Sebastião Oliveira	824.22	
22)	Wilton Zelinski	790.44	

CACHOEIRA (PAGOS)

1)	Acir Trajano da Silva	392.32		T	
2)	Adair Antonio Gadinc	567.62		T	
3)	Adão Delgado da Silva	827.94			
4)	Adão Kavetski	671.82		T	
5)	Ademir Silveira	653.70		T	
6)	Alceu Paulo Camelo	583.00		T	
7)	Alcineu Bueno	826.22	GR	T	
8)	Antonio Carlos Antunes	418.82		T	
9)	Antonio Osmar Mulhembruck	687.58		T	
10)	Antonio Smolak	499.30		T	
11)	Carlos Kraus Klusko	827.94		T	
12)	Deolindo de Farias Dal Maria	635.94		T	
13)	Dirceu Zandavalli	788.34		T	
14)	Edevaldo José de Oliveira	751.54	GR	T	
15)	Elio da Silva	827.94		200.00	627.94
16)	Francisco Lucano	644.82		T	
17)	Gentil Garcia Reis	635.94		T	
18)	Gilmar Antonio Gurgel	671.83		T	
19)	Gorete de Aparecida Charnies	635.94		300.00	335.94
20)	Gustavo Mews	755.90		T	
21)	Hermes Santos Oliveira	827.94			
22)	Ildo Santos de Oliveira	671.82			
23)	Isauro Lemes da Rocha	635.94		T	
24)	Jair Luiz Macari	840.00		T	
25)	Jandir Moura	476.20		T	
26)	Jerônimo Martins	635.70		T	
27)	João Maria Moreira Neto	440.32		T	
28)	João Maria Pará	836.34		636.34	200.00
29)	João Mulhembruck	651.70		T	
30)	João Rodrigues do Amaral	824.22		T	
31)	Jorge Santos de Oliveira	635.97		T	
32)	José Delgado da Silva	759.62		T	
33)	José Domingos da Silva	458.26		300.00	158.26
34)	José Maria Pará	837.94	GR	800.00	37.94
35)	José Ariovaldo	476.20		T	
36)	José Valdir Albano	651.70		T	
37)	Josnei Barbosa	635.94		T	
38)	Lauro Grebinski	788.34		T	

PRODUTORES DA REGIÃO DA CACHOEIRA

HORTA

1- OSMAR MULHEMBRUCK	CACHOEIRA
2- AUDIO KAVESKEI	CACHOEIRA
3- GELÁSIO FRÍITAS	CACHOEIRA
4- EDEVALDO (DIRCEU ZANDAVALE)	CACHOEIRA
5- JOÃO PARÉ	CACHOEIRA (POTENCIAL)
6- TADEU ZUBRESKI - HORTA DESATIVADA	SAMAMBAIAL

POMAR

1- OSMAR MULHEMBRUCK POCAN E LARANJA	CACHOEIRA
-----------------------------------------	-----------

MEL

1- RAFAEL SENKIO	CACHOEIRA
2- LEOPOLDO BAYER	CACHOEIRA
3- JOÃO ZUBRESKI	SAMAMBAIAL
4- PEDRO SENT-	CACHOEIRA

QUEIJO

1- PAULO ALCEU CAMELO	JACUTINGA
2- JORGE (GENRO D. MARTA - AUDIO)	CACHOEIRA

OVOS E AVES

1- DIRCEU RACHELI	CACHOEIRA
-------------------	-----------

PRODUTORES DA REGIÃO DA SEDE

HORTA

1- JOÃO VILSON BUENO	CIDADE (ONDE CARMEN TURRA MORAVA)
2- LURDES SCRAMOSSIN	CIDADE
3- VILSO DE LIMA	SÃO JOÃO (POTENCIAL)
4- VALDOMIRO KAVESKEI	TRES PALMEIRAS (POTENCIAL)
5- DEOLINDO KELLER	PASSO GRANDE (POTENCIAL)
6- LURDES MARACK WELTER	SÃO JOÃO (POTENCIAL)
7- VALMOR LUBACHESKI	PASSO GRANDE (PROBL. TRANSP.)
8- PAI DA ELIZETE (CABELEIREIRA)	CIDADE
9- PEDRO PETEL	SÃO JOÃO (ODA)

POMAR

1- IVALDO CASSOL - PÊSSEGO	CORVO BRANCO II
2- VILSO DE LIMA - PÊSSEGO, NECTARINA E MORANGO	SÃO JOÃO
3- AGOSTINHO PADILHA - PONCAN, LARANJA E BERGAMOTA	TRES PALMEIRAS

MEL

1- ISAIAS BUCO	ARROJO TRES PASSOS
2- PAULO BUCO	ARROJO TRES PASSOS

3- CLAUDIO ALVES DE RAMOS CAVERNOSO III

PRODUTORES DA REGIÃO DE SÃO PEDRO

HORTA

1- IRINEU BODENAR SÃO PEDRO

POMAR

1- LAUDOMIRO TUROK SANTA MARTA

MEL

1- PEDRO SEDORKO SOBRINHO SÃO PEDRO

PRODUTORES DA REGIÃO DA LAGOA SECA

HORTA

1- ADOLFO FRITSCHÉ COL. SÃO JOÃO BATISTA

POMAR

1- VALMOR ALVES RIBEIRO SÃO ROQUE DO CAVERNOSO
MORANGO

PRODUTORES DA REGIÃO DA PAZ

MEL

1- GABRIEL SMUZEK VOLTA GRANDE
2- EUGÊNIO FRANZUK BARRA MANSA
3- SALVADOR FRANZUK BARRA MANSA
4- ANTONIO SMÓLAK VOLTA GRANDE

MODELO PARA ENTREVISTA

NOME:

REGIÃO / LOCALIDADE:

DIMENSÃO HORTA:

IRRIGAÇÃO:

ADUBAÇÃO:

USO DE AGROTÓXICOS:

PRODUTOR:

QUANTIDADE

ÉPOCA/PERÍODO - ENTREGA

 ALFACE AGRÃO ABÓBORA ABOBRINHA ALHO BETERRABA CENOURA CEBOLA CHICÓRIA COUVE COUVE FLOR CHEIRO VERDE TOMATE RABANETE BATATA SALSA BATATA DOCE MANDIOCA REPOLHO PEPINO

FRUTAS:

MESES

QTIDADE

ABACATE

BANANA

AMEIXA

LARANJA

LIMÃO

PUCAN

BERGAMOTA

MELANCIA

MELÃO

PÊSSEGO

NECTARINA

PERA

FIGO

MANGA

FRUTAS ILHA

LARANJA

MAMÃO

BANANA

ABACATE

ABACAXI

MANGA

GOIABA

PUCAN

BERGAMOTA

LIMÃO

ABACATE

MODELO PARA ENTREVISTA**NOME;****REGIÃO / LOCALIDADE:****DIMENSÃO HORTA:****IRRIGAÇÃO:****ADUBAÇÃO:****USO DE AGROTÓXICOS:****PRODUTOR:****QUANTIDADE****EPOCA/PERIODO - ENTREGA** ALFACE AGRIÃO ABÓBORA ABOBRINHA ALHO BETERRABA CENOURA CEBOLA CHICÓRIA COUVE COUVE FLOR CHEIRO VERDE TOMATE RABANETE BATATA SALSA BATATA DOCE MANDIOÇA REPOLHO PEPINO**FRUTAS:****MESES****QTIDADE**

ABACATE

BANANA

AMEIXA

LARANJA

LIMÃO

POCAN

BERGAMOTA

MELANCIA

MELÃO

PESSEGO

NECTARINA

PERA

FIGO

MANGA

FRUTAS ILHA

LARANJA

MAMÃO

BANANA

ABACATE

ABACAXI

MANGA

GOIABA

PONCAN

BERGAMOTA

LIMÃO

ABACATE

MODELO PARA ENTREVISTA**NOME:****REGIÃO / LOCALIDADE:****DIMENSÃO HORTA:****IRRIGAÇÃO:****ADUBAÇÃO:****USO DE AGROTÓXICOS:****PRODUTOR: QUANTIDADE ÉPOCA/PERÍODO - ENTREGA** ALFACE AGRIÃO ABÓBORA ABOBRINHA ALHO BETERRABA CENOURA CEBOLA CHICÓRIA COUVE COUVE FLOR CHEIRO VERDE TOMATE RABANETE BATATA SALSA BATATA DOCE MANDIOCA REPOLHO PEPINO**FRUTAS:****MESES****QTIDADE**

ABACATE

BANANA

AMEIXA

LARANJA

LIMÃO

POCAN

BERGAMOTA

MELANCIA

MELÃO

PESSEGO

NECTARINA

PERA

FIGO

MANGA

FRUTAS ILHA

LARANJA

MAMÃO

BANANA

ABACATE

ABACAXI

MANGA

GOIABA

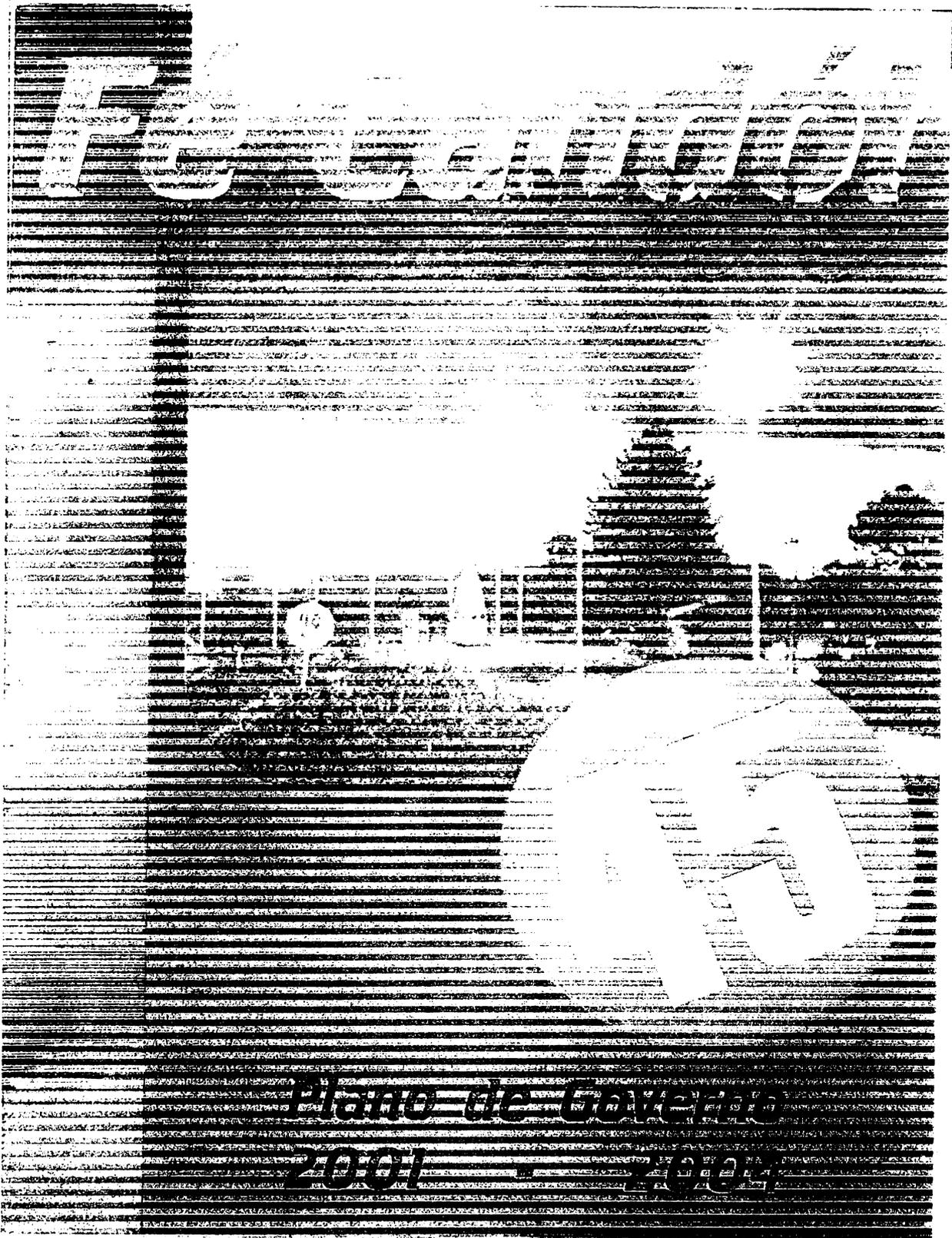
POCAN

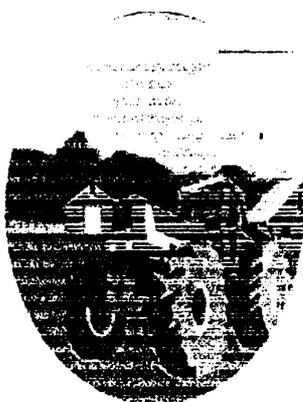
BERGAMOTA

LIMÃO

ABACATE

Anexo 3 – Folder do Plano de Governo de 2000





AGRICULTURA

- Muda O nome de "Prá-Familia" para "Terra Viva", sem policia para cobrar as contas dos agricultores.
- Calcário: aquisição e distribuição aos pequenos agricultores, sem juros e com equivalência em produtos;
- Fundo de aval;
- Gestão junto ao Banco do Brasil para que o PRONAF e PRONAFINHO, venha a tempo;
- Incentivo à pequena agro-indústria, pois com essa medida o município passa a arrecadar 70% com os valores agregados, ao invés de 8%;
- * • Promover feira do produtor;
- Apoio a piscicultura;
- 10 horas de trator de esteira para cada família de agricultor que poderá usá-las no que bem entender, ou seja, enlramento de pedras, destoca leve, tanque de peixes, etc...
- Aquisição de um laboratório para análise de terra, em parceria com os demais municípios da Região.